

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

SUELEN NEIDE VICENTE

**SENTENÇAS CLIVADAS: assimetria sujeito-objeto focalizados**

Florianópolis

2014

**SUELEN NEIDE VICENTE**

**SENTENÇAS CLIVADAS: assimetria sujeito-objeto focalizados**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Bacharel em Letras. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra Quarezemin.

Florianópolis  
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



## “SENTENÇAS CLIVADAS: ASSIMETRIA SUJEITO- OBJETO FOCALIZADOS”

**SUELEN NEIDE VICENTE**

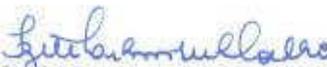
Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do  
título de

### **BACHAREL EM LETRAS**

e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Habilitação  
Bacharelado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa  
da UFSC.

Banca Examinadora:

  
Profa. Dra. Sandra Quarezemin  
Orientadora e Presidente da Banca

  
Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho  
Membro Titular

  
Profa. Me. Karina Zendron da Cunha  
Membro Titular

À minha mãe e ao Diego.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por tudo que ela sempre fez e faz por mim e por seu apoio incondicional.

Ao Diego, pela paciência, pelo carinho e pela compreensão.

À Sandra Quarezemin, minha orientadora, por todo o apoio, pela paciência, dedicação e por acreditar em mim.

Às professoras da banca, por terem aceitado o convite e pelas sugestões dadas.

Aos professores do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas que, de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

À minha amiga Juliana, companheira de curso e de TCC, por sempre estar por perto e pela companhia essencial.

## RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é mostrar, a partir de dados reais de fala, a assimetria sujeito-objeto focalizados que ocorre nas sentenças clivadas do Português Brasileiro em contexto pergunta-resposta. Esta monografia está assentada na abordagem gerativista e o aparato teórico é composto por Miotto e Negrão (2007), Modesto (2001), Miotto (2003) e Guessier e Quarezemin (2013). Analisamos sentenças retiradas do banco de dados online do Projeto NURC do Rio de Janeiro e criamos contextos adequados a fim de examinar o fenômeno da assimetria. A partir disso, constatamos que as clivadas sujeito em contexto de nova informação são adequadas para responder uma interrogativa-wh. Por outro lado, clivadas objeto com foco de nova informação não são adequadas em contexto de pergunta-resposta. Essa assimetria ocorre porque, nas clivadas objeto, o foco não consegue alcançar a projeção FocP da periferia de VP, posição típica de foco de nova informação. Além disso, também discutimos a exaustividade nas clivadas e o contexto de fala espontânea.

**Palavras-chave:** Clivadas. Assimetria. Focalização. Sujeito. Objeto.

## ABSTRACT

The main goal of this work is to show, from actual speech data, the subject-object focalized asymmetry that occurs in Brazilian Portuguese cleft sentences in a question-answer context. This monograph is seated in the generative approach and the theoretical framework is composed of Miotto and Negrão (2007), Modesto (2001), Miotto (2003) and Guessier and Quarezemin (2013). We analyzed sentences taken from NURC Project online database from Rio de Janeiro and created adequate contexts in order to examine the asymmetry phenomenon. From this, we found that subject focalized cleft sentences in a new information context are adequate to answer a wh-question. On the other hand, object clefts focalized in a new information context are not adequate in a question-answer context. This asymmetry occurs because, in object focalized clefts, focus can not reach VP-peripheral FocP projection, typical new information focus position. Furthermore, we also discussed the exhaustivity of clefts and the spontaneous speech context.

**Keywords:** Clefts. Asymmetry. Focalization. Subject. Object.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>1 SENTENÇAS CLIVADAS</b> .....	11
1.1 APRESENTANDO AS CLIVADAS .....	11
1.2 A PROPOSTA DE MODESTO (2001) .....	13
1.3 A PROPOSTA DE MIOTO (2001; 2003).....	15
1.4 FOCO .....	16
<b>1.4.1 Tipos de foco</b> .....	<b>17</b>
<b>1.4.2 Posição do foco na sentença</b> .....	<b>19</b>
1.5 ESTRUTURA DAS SENTENÇAS CLIVADAS .....	21
<b>1.5.1 Abordagem cartográfica</b> .....	<b>21</b>
1.6 ASSIMETRIA SUJEITO-OBJETO FOCALIZADOS NAS SENTENÇAS CLIVADAS: A PROPOSTA DE GUESSER E QUAREZEMIN (2013) .....	24
1.7 QUAREZEMIN (2011): FOCALIZAÇÃO DO SUJEITO E DO OBJETO NAS CLIVADAS DO PB .....	29
1.8 RESUMO DO CAPÍTULO .....	30
<b>2 METODOLOGIA DA COLETA DE DADOS</b> .....	<b>32</b>
2.1 BANCO DE DADOS .....	32
2.2 METODOLOGIA.....	32
2.3 AMOSTRA.....	33
<b>2.3.1 Clivadas-sujeito</b> .....	<b>33</b>
<b>2.3.2 Clivadas-objeto</b> .....	<b>34</b>
<b>2.3.3 Outras clivadas</b> .....	<b>35</b>
2.3.3.1 Clivada com pronome.....	35
2.3.3.2 Perguntas clivadas .....	35
2.3.3.3 Clivadas com adjunto.....	36
2.3.3.4 Clivada com partícula dêitica/locativa .....	36
2.3.3.5 Clivadas sem exclusão .....	36
2.4 CLIVADAS E A INTERPRETAÇÃO FOCAL.....	38
2.5 RESUMO DO CAPÍTULO .....	40
<b>3 SENTENÇAS CLIVADAS: ASSIMETRIA SUJEITO-OBJETO FOCALIZADOS</b> .....	<b>41</b>
3.1 ANÁLISE DOS DADOS .....	41
<b>3.1.1 Clivadas focalizando sujeito</b> .....	<b>41</b>
<b>3.1.2 Clivadas focalizando objeto</b> .....	<b>43</b>
<b>3.1.3 Assimetria sujeito-objeto focalizado nas sentenças clivadas</b> .....	<b>43</b>
<b>3.1.4 Contexto out-of-the-blue</b> .....	<b>45</b>
3.2 RESUMO DO CAPÍTULO .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>
<b>ANEXO A – Trechos das entrevistas do banco de dados online do NURC/RJ das quais foram retiradas as sentenças para mostrar a assimetria sujeito-objeto focalizados</b> .....	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

Sentenças clivadas são estruturas complexas que destacam um elemento por meio do processo da focalização, sua estrutura é composta por [cópula + XP (=foco) + que], seguido por um CP, como pode ser observado em (1a-b). O foco veicula a informação nova na sentença e o CP corresponde à pressuposição, ou seja, a informação compartilhada pelos falantes. De acordo com Guessser e Quarezemin (2013), as clivadas canônicas podem veicular tanto um foco contrastivo quanto um foco não contrastivo/de nova informação. Além das clivadas canônicas, há, no Português Brasileiro (doravante PB), as clivadas invertidas, que se diferenciam daquelas por apresentarem o foco em posição pré-copular, como pode ser observado em (2a-b):

- (1) a. Foi [<sub>F</sub> a menina] que chutou a bola.  
b. Foi [<sub>F</sub> uma torta] que o João comeu.
- (2) a. [<sub>F</sub> A menina] foi que chutou a bola.  
b. [<sub>F</sub> Uma torta] foi que o João comeu.

Segundo Miotto (2003, p. 169), foco é um “conceito discursivo que se aplica ao constituinte que veicula a informação nova na sentença.” De acordo com o autor, o foco pode ser uma sentença inteira ou pode estar articulado com a pressuposição. O autor aponta três tipos de foco: o de informação, que fornece apenas a informação solicitada; o contrastivo, que envolve contraste entre os elementos ou correção de uma informação anterior; e o de identificação, que fornece uma informação exaustiva.

Alguns autores (cf. PINTO, 2008; COSTA e DUARTE, 2001) utilizam a análise unificada, ou seja, tratam as sentenças clivadas e as pseudoclivadas – que contêm um elemento *wh* na sua estrutura – como sendo da mesma natureza. Porém, Miotto (2003) afirma que sentenças clivadas e pseudoclivadas são estruturalmente diferentes. Para o autor, a principal diferença entre as duas é que, enquanto uma pseudoclivada, como (3a), é constituída de uma expressão *Wh*, uma clivada, como (3b), é constituída de um complementizador. Ainda de acordo com Miotto (2003, p. 178),

A presença da expressão Wh descarta, em princípio, que o foco possa ser derivado por extração: o objeto vazio retoma a expressão Wh relativa, mas não o foco. Em contrapartida, o complementizador não impede, em princípio, que o foco possa ser extraído da posição de objeto do verbo comprar.

(3) a. Foi [<sub>F</sub> aquele carro] o que o João comprou.

b. [<sub>F</sub> Aquele carro] foi que o João comprou.

Neste trabalho, seguindo Miotto (2003), assume-se a posição de que as clivadas devem ser tratadas de modo diferenciado das sentenças pseudoclivadas e esta última está fora do escopo deste estudo.

No conjunto das sentenças clivadas canônicas, percebe-se que há diferença entre aquelas que focalizam sujeito e as que focalizam objeto quando veiculam foco de nova informação em contexto de pergunta-resposta. Por exemplo, a sentença (4b), focalizando um sujeito, consegue responder uma interrogativa-wh (4a). Por outro lado, a clivada em (5b), que focaliza um objeto, não possui condições de responder uma interrogativa-wh (5a), pois causa estranhamento (cf. Guessier e Quarezemin (2013)), já que a sentença não veicula um mero foco de informação, mas sim um foco exaustivo.

(4) a. Quem comeu a torta?

b. Foi [<sub>F</sub> a Maria] que comeu a torta.

(5) a. O que a Maria comeu?

b. # Foi uma torta que a Maria comeu.<sup>1</sup>

A partir desse fato, surgiu a ideia de elaborar esta monografia com o propósito de mostrar a assimetria sujeito-objeto focalizados em sentenças clivadas em contexto pergunta-resposta a partir de dados reais de fala do PB. É importante salientar que este trabalho está assentado na abordagem gerativista.

Esta monografia tem como principal objetivo mostrar que ocorre uma assimetria na focalização sujeito-objeto nas sentenças clivadas do PB. Para isso, analisaremos, com base em

---

<sup>1</sup> Gostaríamos de salientar que as sentenças aqui apresentadas como inaceitáveis em determinados contextos também são consideradas inadequadas neste mesmo contexto por alguns autores, como Quarezemin (2009) e Guessier e Quarezemin (2013).

Modesto (2001), Mioto e Negrão (2007), Quarezemin (2009, 2011) e Guessser e Quarezemin (2013), sentenças clivadas retiradas do banco de dados online do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ).

O presente trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos as propriedades das sentenças clivadas. Devido à relação direta entre a estrutura das clivadas e o fenômeno da focalização, também trataremos dos tipos de foco e da posição do foco na sentença.

No segundo capítulo mostraremos os dados a serem analisados. Também descreveremos a metodologia utilizada neste trabalho, discorreremos sobre o banco de dados do qual foram retiradas as entrevistas analisadas e quais os critérios de seleção das sentenças. Além disso, discutiremos sobre a exaustividade nas clivadas.

No terceiro capítulo defenderemos nossa hipótese, qual seja, que clivadas sujeito possuem estrutura diferente se comparadas com as clivadas que focalizam objeto. Para isso, serão analisados os dados apresentados no segundo capítulo, de acordo com a análise proposta por Guessser e Quarezemin (2013).

## 1 SENTENÇAS CLIVADAS

Neste primeiro capítulo apresentaremos algumas propriedades das sentenças clivadas, destacando sua estrutura e alguns dos seus aspectos discursivo-pragmáticos. Também discorreremos sobre focalização, os tipos de foco e a posição do foco na sentença. Apresentaremos a proposta de Guessier e Quarezemin (2013) a respeito da assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas, trabalho no qual basearemos a nossa análise. Por fim, mostraremos os resultados de Quarezemin (2011) sobre a focalização do sujeito e do objeto nas clivadas do PB a fim de compará-los, nos capítulos seguintes, com a nossa pesquisa.

### 1.1 APRESENTANDO AS CLIVADAS

Sentenças clivadas são estruturas complexas que destacam um elemento por meio do processo da focalização. A estrutura das sentenças clivadas canônicas é formada pela sequência [cópula + XP (=foco) + que]; a cópula é o verbo ‘ser’, o XP é o elemento focalizado, seguido pelo complementizador ‘que’ e, por fim, o CP, que é a sentença encaixada, como pode ser observado em (1a-b). Segundo Miotto (2003), o elemento focalizado é a informação nova na sentença, já o CP é a parte pressuposta, ou seja, é a informação compartilhada pelos falantes. Além das clivadas canônicas, também há, no PB, clivadas invertidas, que se diferenciam das canônicas por expressarem o foco antes da cópula, ou seja, por apresentarem a estrutura [XP (=foco) + cópula + que + CP], como em (1a’-b’):

- (1) a. Foi [<sub>F</sub> o José] que fez a torta.  
b. Foi [<sub>F</sub> uma bola] que a Maria comprou.  
a’. [<sub>F</sub> A torta] foi que o José fez.  
b’. [<sub>F</sub> Uma bola] foi que a Maria comprou.

Segundo Guesser e Quarezemin (2013), as sentenças clivadas canônicas apresentam dupla possibilidade de concordância, ou seja, a cópula pode ou não concordar com o elemento focalizado, como em (2a-b), o que não acontece com as clivadas invertidas, como em (3a-b)<sup>2</sup>:

(2) a. Foi [<sub>F</sub> os meninos] que chegaram.

b. Foram [<sub>F</sub> os meninos] que chegaram.

(3) a. [<sub>F</sub> Os meninos] foi que chegaram.

b. \* [<sub>F</sub> Os meninos] foram que chegaram.

As autoras também estudam as pseudoclivadas (4), que são da família das clivadas. A diferença entre elas é que as clivadas são constituídas pelo complementizador ‘que’ após o foco, enquanto as pseudoclivadas possuem uma expressão wh. Mioto e Negrão (2007) apontam algumas diferenças entre os dois tipos de sentença e afirmam que, enquanto uma sentença clivada tem o CP preenchido pelo complementizador ‘que’, uma pseudoclivada tem o Spec preenchido por uma expressão Wh.

(4) a. O que o menino comeu foi o bolo.<sup>3</sup>

b. Quem faz ioga é [<sub>F</sub> a Lenita].<sup>4</sup>

Mioto e Negrão (2007) enumeram algumas propriedades das sentenças clivadas canônicas, dentre as quais destacamos as seguintes: (i) a estrutura das clivadas, ou seja, para que uma sentença seja considerada clivada ela deve ter, obrigatoriamente, a seguinte estrutura: [cópula + foco + CP]<sup>5</sup>; e (ii) o CP das clivadas é preenchido pelo complementizador ‘que’.

---

<sup>2</sup> Os exemplos (2a-b) e (3a-b) correspondem, respectivamente, às sentenças (35a-b) e (38a-b) de Guesser e Quarezemin (2013, p. 196-197).

<sup>3</sup> Exemplo extraído de Mioto e Negrão (2007).

<sup>4</sup> Exemplo extraído de Resenes (2007, p. 1).

<sup>5</sup> Resenes (2009) afirma que, para uma sentença ser considerada clivada, ela também precisa dispor de um vazio dentro do IP encaixado relacionado ao foco da sentença. De acordo com a autora, se o XP pós cópula não for o foco, a sentença não será uma clivada, pois dependendo do contexto, ela pode ser uma copular comum.

Ainda em relação ao CP, os autores também postulam que este elemento não pode aparecer no início das clivadas. Para ilustrar esta afirmação, Miotto e Negrão (2007, p. 166) apresentam a sentença representada em (5)<sup>6</sup>:

(5) [\*Que o menino comeu] foi o bolo.<sup>7</sup>

A sentença (5) confirma a afirmação dos autores, já que o CP no início da clivada torna a sentença agramatical. Isso ocorre porque o complementizador precisa estar adjacente ao foco, uma vez que ele preenche o núcleo. No caso das clivadas, o CP figura sempre depois da cópula, enquanto nas pseudoclivadas canônicas o CP aparece em posição pré-cópula, como verificamos em (4a,b).

## 1.2 A PROPOSTA DE MODESTO (2001)

Modesto (2001, p. 14) analisa as sentenças clivadas como “sentenças em que a cópula seleciona uma oração desenvolvida contendo um elemento focal (marcado pelo traço F) e que o movimento desse constituinte para [spec CP] dessa oração é interpretado em LF como gerando leituras características.” Em relação às pseudoclivadas, o autor as trata como sentenças que apresentam um movimento prosodicamente motivado por um constituinte frasal movido para a posição de [spec TP]. O autor unifica a análise das clivadas e pseudoclivadas por meio da natureza do movimento sintático gerado em cada uma das construções. No caso das clivadas é o constituinte clivado que realiza o movimento, que recebe o valor de foco, já nas pseudoclivadas o elemento movido não é o elemento focalizado, o CP pressuposto é que sofre movimento.

Segundo Modesto (2001, p. 21), “construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barra dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade.” A definição do autor acrescenta alguns tipos de sentenças no grupo das clivadas que antes não eram tratadas dessa forma<sup>8</sup>. Modesto (2001) apresenta os tipos de construções que ele considera clivadas, reproduzidas em (6).

---

<sup>6</sup> No texto original esta sentença aparece no exemplo (17-d).

<sup>7</sup> Se a sentença (5) fosse uma pseudoclivada, como “o que o menino comeu foi o bolo”, ela seria gramatical, pois uma expressão Wh pode aparecer no início de sentenças, o que não acontece com o CP das clivadas.

<sup>8</sup> Como a sentença (6d), uma pseudoclivada não copular.

- (6) a. É a Suzanita que quer casar. (Clivada)
- b. A Suzanita é que quer casar. (Clivada)
- c. Inteligente é a Mafalda. (Copular PseudoClivada)
- d. A conta pago eu. (Não Copular PseudoClivada)
- e. Quem quer casar é a Suzanita. (PseudoClivada)
- f. É a Suzanita quem quer casar. (PseudoClivada Extraposta)

A definição de clivagem proposta por Modesto (2001) possibilita a ausência da cópula nas clivadas, como em (6d). O autor apresenta uma série de propriedades semânticas a respeito desse tipo de construção. Para Modesto (2001), a clivada apresenta uma variável aberta e um valor correspondente para ela. A variável corresponde à sentença encaixada e o foco ao seu valor. Em (7)<sup>9</sup>, o constituinte ‘Obelix’ corresponde ao valor que é atribuído à variável x do pressuposto ‘o x que roubou o peixe’.

(7) Foi o Obelix que roubou o peixe.

A análise proposta por Modesto (2001) quanto à estrutura das sentenças clivadas é baseada em Higgin (1993) e Chomsky (1980). A cópula subcategoriza uma oração desenvolvida (o CP encaixado) e ocorre um movimento A-barrã para gerar leituras típicas de clivagem (leitura de contraste/exaustividade). Com isso, o autor assume que

o constituinte clivado (CC) é gerado na oração encaixada sob a cópula e é movido por um movimento A-barrã para uma posição à esquerda dessa sentença. Um segundo movimento pode ainda elevar o constituinte clivado dessa posição para uma posição à esquerda da sentença matriz. (MODESTO, 2001, p. 72-73)

Concordamos com o autor no que diz respeito ao movimento do constituinte clivado. Modesto (2001) também faz uma extensa análise do ponto de vista semântico das clivadas, porém, essa análise não será utilizada neste trabalho.

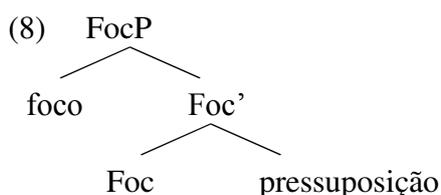
---

<sup>9</sup> A sentença (7) corresponde ao exemplo (14) de Modesto (2001, p. 29).

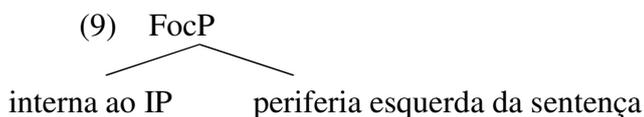
### 1.3 A PROPOSTA DE MIOTO (2001; 2003)

Mioto (2003), baseado em estudos cartográficos, afirma que uma sentença possui duas zonas distintas. Uma delas é a área nuclear das posições argumentais (A), também conhecida como IP, na qual os constituintes XPs possuem suas funções gramaticais definidas. A outra região da sentença é a área periférica das posições não argumentais, conhecida como CP. Com isso, o autor conclui que, quando um foco se encontra na periferia esquerda da sentença, ou seja, quando está deslocado, o CP é ativado para conter a informação nova.

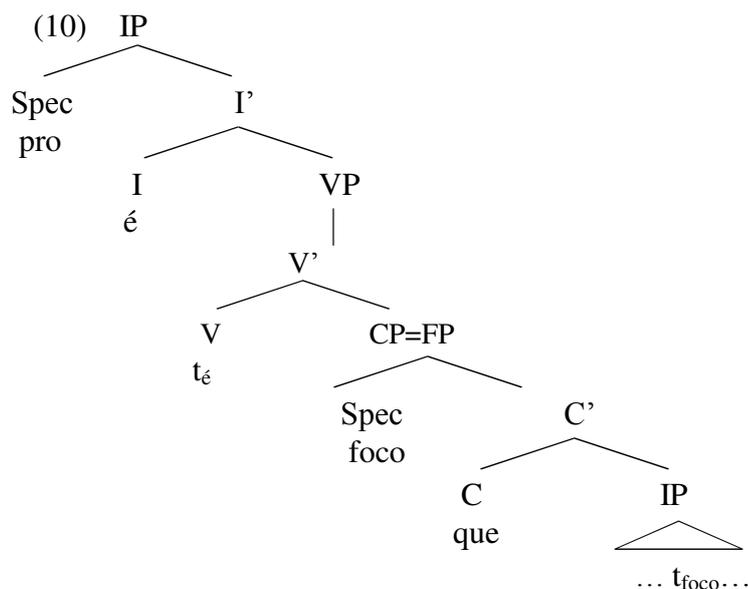
Em relação à representação estrutural do foco, Mioto (2003), analisando o trabalho de Rizzi (1997), afirma que, para o autor, há uma categoria FocP na periferia esquerda da sentença na qual o núcleo articula o foco com a pressuposição. O constituinte focalizado localiza-se no Spec de FocP e a pressuposição situa-se no complemento, como representado em (8):



O foco também pode ser encontrado in situ, como mostra a proposta de Belletti (2001 apud MIOTO, 2003). Verifica-se, portanto, duas possibilidades em relação à estrutura do foco na sentença, como pode ser observado na estrutura (9): (i) o foco se posiciona no especificador da categoria FocP interna ao IP, quando for foco de informação (K) ou não contrastivo (Z); (ii) o foco pode ocorrer na periferia esquerda da sentença, neste caso, o foco seria de identificação (K) ou contrastivo (Z).



Quanto à estrutura de uma sentença clivada, Mioto (2001) propõe o esquema reproduzido em (10), também adotado por Mioto e Negrão (2007).



De acordo com a estrutura (10), a cópula, um verbo inacusativo, seleciona um CP complemento que contenha o traço [+foco] e o especificador desse CP deve ser preenchido pelo foco. Este CP corresponde à projeção funcional FocP. O foco, portanto, é gerado no IP e deslocado para a periferia esquerda da sentença.

#### 1.4 FOCO

Segundo Miotto (2003, p. 169), foco é um “conceito discursivo que se aplica ao constituinte que veicula a informação nova na sentença”. Esse constituinte pode ser a sentença inteira ou pode estar articulado com a pressuposição, que é a informação compartilhada pelos falantes. O autor assume que um constituinte só pode ser interpretado como foco se ele é movido para uma posição específica de foco na estrutura.

Uma sentença pode ser dividida entre informação partilhada pelos participantes do discurso, a pressuposição, e informação não partilhada pelos participantes do discurso, o foco. Vejamos o contexto abaixo:

- (11) a. Quem comeu o bolo?  
 b. A Maria comeu o bolo.

Em (11a), a pergunta requer uma informação que não faz parte do conhecimento compartilhado. Essa informação será o foco da sentença, no caso de (11b), é o constituinte [A Maria].

Mioto (2003) mostra o teste da negação para auxiliar na identificação da pressuposição, que consiste em negar a própria sentença. Após negada, a informação que continuar sendo verdadeira nas sentenças é a pressuposição, como observamos em (12-a-c)<sup>10</sup>:

- (12) a. Foi [F a Pandora] que gerou a polêmica.
- b. Não foi [F a Pandora] que gerou a polêmica.
- c. Alguém gerou a polêmica.

Em (12a), temos uma sentença clivada, na qual o constituinte entre colchetes é o foco; em (12b), temos a negação da clivada; e, em (12c), a pressuposição, que é o que permanece verdadeiro mesmo com a negação da sentença.

#### **1.4.1 Tipos de foco**

Mioto (2003) apresenta três tipos de foco. Um deles é o de informação, que somente fornece a informação solicitada e está presente em contextos em que há uma interrogativa wh. A resposta para essa pergunta, por sua vez, contém um foco que substitui a expressão wh. Já o foco contrastivo, além de apresentar a informação nova, contrapõe duas informações ou fornece a correção de uma informação anterior. O foco de identificação é aquele que fornece uma informação exaustiva/exclusiva.

Os estudos de Zubizarreta (1998) e Kiss (1998) contribuíram muito para a investigação do foco. Segundo Mioto (2003), Zubizarreta postula uma estrutura de asserção (AS – Assertion Structure) que se concebe após a LF (Logical Form). Essa estrutura é constituída de duas asserções: A<sub>1</sub> e A<sub>2</sub>. A<sub>1</sub> equivale à pressuposição e contém um quantificador existencial, já A<sub>2</sub> abrange o foco e, segundo Mioto (2003), pode ser comparada à sentença pseudoclivada.

---

<sup>10</sup> As sentenças (12a-c) correspondem aos exemplos (1a), (2a) e (3), respectivamente, de Mioto (2003, p. 170-171).

A estrutura de asserção, proposta por Zubizarreta (1998 apud MIOTO, 2003), quando se trata de uma sentença com foco de informação, possui a representação em (13):

(13) A Maria leu um livro.

A<sub>1</sub>:  $\exists$  um x, tal que a Maria leu x.

A<sub>2</sub>: O x tal que a Maria leu x é [<sub>F</sub> um livro].

Quando o foco da sentença é do tipo contrastivo, a representação da AS, proposta por Zubizarreta, é representada em (14). No início da A<sub>2</sub> há a negação da variável x e depois é atribuído um novo valor para essa mesma variável.

(14) A Maria leu [<sub>F</sub> um livro], não uma revista.

A<sub>1</sub>: Existe um x, tal que a Maria leu x.

A<sub>2</sub>: É falso que o x (tal que a Maria leu x) é uma revista & o x (tal que a Maria leu) é [<sub>F</sub> um livro].

Zubizarreta (1998 apud MIOTO, 2003) utiliza o traço [contrastivo] para a distinção de dois tipos de foco: o contrastivo, que pode ser representado como [x mas não y], e o foco não contrastivo ou de informação.

Kiss (1998 apud MIOTO, 2003) acrescenta mais um traço para a distinção do foco, o traço [exaustivo]. Quando o valor do foco for positivo para esse traço, ele é denominado foco de identificação e pode ser interpretado como [x e apenas x], como em (15)<sup>11</sup>, já quando o valor for negativo, a autora denomina de foco de informação, como pode ser observado na sentença (16). De acordo com Mioto e Negrão (2007), o foco de identificação sempre envolve movimento, mas o mesmo não acontece com o foco de informação.

(15) Foi [<sub>F</sub> UM PERFUME] que a Maria deu para o José.<sup>12</sup>

(16) a. O que o José ganhou?

b. José ganhou [<sub>F</sub> um perfume].

<sup>11</sup> Os exemplos (15) e (16) foram extraídos de Resenes (2007, p. 7).

<sup>12</sup> Segundo Resenes (2007), a interpretação da sentença (15) é: dentre vários presentes que a Maria poderia ter dado para o José, foi somente um perfume o que ela deu.

Mioto (2003, p. 174) observa que, “enquanto para Kiss o foco é um constituinte sobre o qual se predica alguma coisa (portanto, um tipo especial de sujeito), para Zubizarreta o foco é o predicado de uma sentença equativa.”

Com base nos traços [exaustivo] e [contrastivo], propostos por Zubizarreta e Kiss, Mioto (2003) elabora um quadro, reproduzido em (17), no qual o autor engloba os dois traços e propõe três tipos de foco: o de informação, o não contrastivo e o de identificação.

(17)

a. [-contrastivo, - exaustivo]	informação (K), não-contrastivo (Z)
b. [-contrastivo, +exaustivo]	de identificação (K)
c. [+contrastivo, -exaustivo]	*
d. [+contrastivo, +exaustivo]	contrastivo (Z) e (K)

Em (17a), as propostas de Kiss e Zubizarreta convergem, mudando apenas a nomenclatura, assim como em (17d); por outro lado, em (17b) as propostas divergem, segundo Mioto (2003), pelo fato de Zubizarreta não considerar o foco de identificação. Por fim, (17c) torna-se inviável, já que a contrastividade implica necessariamente a exaustividade e, portanto, não há foco contrastivo sem ser exaustivo.

#### 1.4.2 Posição do foco na sentença

O elemento focalizado pode localizar-se em duas posições distintas na sentença. In situ, ou seja, na posição em que o foco é gerado, como em (18a)<sup>13</sup>, e deslocado para a periferia esquerda da sentença, como em (18b,c).

- (18) a. O João comprou [<sub>F</sub> aquele carro].  
 b. [<sub>F</sub> Aquele carro] o João comprou.  
 c. [<sub>F</sub> Aquele carro] que o João comprou.

<sup>13</sup> As sentenças (18) correspondem aos exemplos (10a-c) de Mioto (2003, p. 176).

A sentença (18a) veicula o foco de informação (K) ou não contrastivo (Z), pois poderia servir de resposta para uma interrogativa wh, como “O que o João comprou?”, porém, caso a sentença (18a) estivesse incompleta e fosse adicionada a seguinte informação: “e não aquela moto”, o foco seria do tipo contrastivo (Z) ou de identificação (K). Já as sentenças (18b-c), com foco deslocado, veiculam pelo menos um valor positivo para um dos dois traços – [exaustivo] e [contrastivo] –, segundo Miotto (2003), ou seja, de acordo com o quadro (17), elas só poderiam veicular foco de identificação (K) ou contrastivo (Z).

Seguindo a análise dos tipos de foco, verificamos que, quando *in situ*<sup>14</sup>, o foco pode ter todas as interpretações do quadro (17), o que não acontece quando o foco estiver deslocado.

Em (19)<sup>15</sup>, temos as posições do foco encontradas nas clivadas. Em (19a), de acordo com Miotto (2003), o foco está deslocado na periferia da sentença encaixada e, em (19b), deslocado na periferia esquerda da sentença matriz, sendo que (19a) é uma clivada canônica e (19b) uma clivada invertida.

- (19) a. Foi [<sub>F</sub> aquele carro] que o João comprou.  
b. [<sub>F</sub> Aquele carro] foi que o João comprou.

De acordo com Guessier e Quarezemin (2013), as sentenças clivadas canônicas podem veicular tanto um foco contrastivo, quanto um foco não-contrastivo/de nova informação, como pode ser observado nos exemplos em (20)<sup>16</sup>, nos quais a sentença em (20a') veicula um foco contrastivo e em (20b) o foco veiculado é de informação quando responde à pergunta (21).

- (20) a. Uma garota comeu a torta.  
a'. Não, foi um rapaz que comeu a torta.  
b. Foi um rapaz que comeu a torta.

(21) Quem comeu a torta?

---

<sup>14</sup> Neste trabalho estamos considerando *in situ* os elementos focalizados que localizam-se à direita do verbo.

<sup>15</sup> Os exemplos (19) correspondem ao exemplo (15a-b) de Miotto (2003, p. 178).

<sup>16</sup> Os exemplos (20a, a', b) e (18) correspondem, respectivamente, às sentenças (24a, b), (22) e (26) de Guessier e Quarezemin (2013, p. 195).

No que diz respeito às clivadas invertidas, as autoras observam que esse tipo de sentença veicula apenas foco contrastivo, como em (22) e não são adequadas para responder uma interrogativa-wh (23)<sup>17</sup>.

(22) Um rapaz foi que falou (não uma menina).

(23) a. Quem comeu o bolo?

b. # O João é que comeu o bolo.

## 1.5 ESTRUTURA DAS SENTENÇAS CLIVADAS

### 1.5.1 Abordagem cartográfica

Antes de falarmos sobre a estrutura das clivadas, é preciso apresentar a abordagem cartográfica, utilizada por Miotto (2003) e Guessier e Quarezemin (2013) na análise das sentenças clivadas.

Quarezemin (2009, p. 18) afirma que “O ‘Projeto Cartográfico’ investiga a estrutura hierárquica dos constituintes sintáticos de forma detalhada e sistemática, identificando representações complexas com posições dedicadas a diferentes interpretações.” Os principais autores da abordagem cartográfica são Cinque (1999; 2002), Rizzi (1997; 2004) e Belletti (2001; 2004).

O sistema CP articula a proposição expressa pelo IP com a estrutura superior que, no caso das clivadas, é a sentença matriz. Rizzi (1997 apud QUAREZEMIN, 2009) propõe a extensão do CP “para acomodar certos constituintes com propriedades discursivas e de escopo, além de derivar sua interpretação da relação Spec-núcleo. O resultado do enriquecimento do CP são dois subsistemas.” (QUAREZEMIN, 2009, p. 21) O primeiro dos subsistemas é composto por ForceP, que determina o tipo de sentença, ou seja, se ela é interrogativa, declarativa, etc, além de relacionar o tipo da sentença com a estrutura superior; e o FinP, que determina a finitude das sentenças e relaciona o domínio do CP com o IP.

---

<sup>17</sup> As sentenças (22) e (23) correspondem, respectivamente, aos exemplos (32a) e (33) de Guessier e Quarezemin (2013, p. 196).

Para ilustrar essas duas categorias, Mioto (2001) apresenta o exemplo reproduzido em (24), em que o verbo ‘perguntar’ subcategoriza um ForceP interrogativo, ou seja, condiciona o tipo de elemento que deve vir após o verbo. Nesse caso a sentença (24b) é agramatical porque o ForceP é declarativo. As categorias ForceP e FinP estão relacionadas, uma vez que o ForceP da sentença seleciona a tipo de FinP adequado, como podemos observar nas sentenças em (25), retiradas de Quarezemin (2009). (25a) contém um ForceP declarativo e, portanto, a sentença é finita, já (25b), uma interrogativa, ou (25c), uma imperativa, selecionam uma sentença do tipo infinitiva.

(24) a. O João perguntou [<sub>ForceP</sub> onde (que) a Maria encontrou o Pedro].

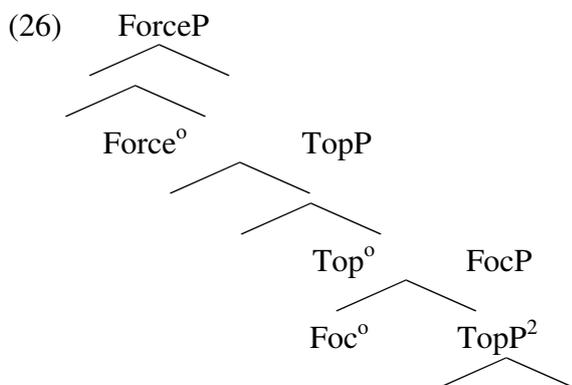
b. \* Foi [<sub>ForceP</sub> que a Maria encontrou o Pedro no cinema].

(25) a. O João acha que os cachorros fugiram.

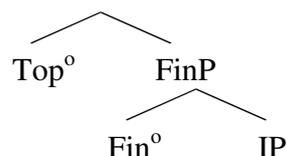
b. O que fazer com esses alunos?

c. Não sentar no corredor do ônibus.

O segundo subsistema proposto por Rizzi (1997 apud QUAREZEMIN, 2009) é composto pelos elementos TopP e FocP, que abrigam elementos como tópico e foco, presentes na periferia esquerda da sentença. Como o foco e o tópico não aparecem nas sentenças por seleção dos núcleos, como ForceP e FinP, eles eram considerados adjuntos a IP ou a CP. Com a expansão do CP proposta por Rizzi (1997 apud QUAREZEMIN, 2009) esses elementos passam a ter posições de especificadores. Com isso, a estrutura do sistema CP, composto pelos dois subsistemas, é representada em (26)<sup>18</sup>.

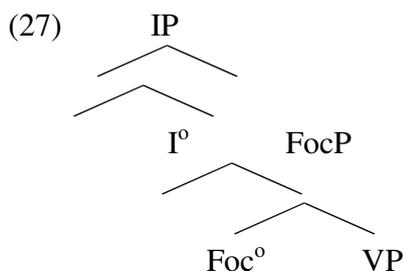


<sup>18</sup> A representação (26) reproduz a estrutura (15) de Quarezemin (2009, p. 22).



Quarezemin (2009) observa que os subsistemas TopP e FocP só aparecem na estrutura nos casos em que há constituintes com função de tópico e foco que necessitam estar em relação Spec-núcleo e, quando essas duas categorias aparecem, alojam-se entre ForceP e FinP.

Belletti (2001 apud QUAREZEMIN, 2009) analisa as sentenças que apresentam sujeito depois do verbo em italiano, formando a ordem VS, e propõe, dentro dos moldes cartográficos, que a área entre IP e VP também aloja constituintes com propriedades discursivas, como tópico e foco.



Uma sentença com sujeito pós-verbal pode responder a uma interrogativa wh, sendo o sujeito o foco, como em (28)<sup>19</sup>.

- (28) a. Chi è partito/ha parlato?  
 (Quem saiu/falou?)  
 b. È partito/ha parlato Gianni.  
 (Saiu/falou João)  
 c. # Gianni è partito/ha parlato.  
 (João saiu/falou)

Apenas (28b) responde adequadamente a pergunta (28a). A sentença (28c), com o sujeito pré-verbal, implica contraste, além de veicular informação nova. Essa diferença aponta para o fato de que o sujeito pré-verbal em italiano tem interpretação focal distinta do sujeito pós-verbal.

<sup>19</sup> Exemplos retirados de Quarezemin (2009, p. 66).

Belletti então propõe que o sujeito pós-verbal em (28b) ocupa uma posição baixa de foco, preenchendo o especificador de FocP na periferia de VP. A posição de foco na periferia esquerda da sentença proposta por Rizzi (1997) abriga apenas o foco com interpretação contrastiva e/ou exaustiva.

## 1.6 ASSIMETRIA SUJEITO-OBJETO FOCALIZADOS NAS SENTENÇAS CLIVADAS: A PROPOSTA DE GUESSER E QUAREZEMIN (2013)

De acordo com Guessser e Quarezemin (2013), as clivadas canônicas são capazes de veicular foco contrastivo e foco não contrastivo/de nova informação. Porém, quando o foco é de nova informação, as clivadas canônicas apresentam uma assimetria sujeito-objeto em contexto de pergunta-resposta, pois enquanto uma canônica que focaliza o sujeito, como (29), pode servir de resposta a uma pergunta sobre o sujeito, como (30), uma clivada focalizando objeto, como (31)<sup>20</sup>, não é pragmaticamente adequada para uma pergunta sobre o objeto, como (32). Segundo as autoras, essa assimetria também se verifica na língua francesa.

(29) “Foi meu avô que comprou”. (NURC/RJ – 106)

(30) Quem comprou esta casa?

(31) #Foi uma torta que o Pedro trouxe.

(32) O que o Pedro trouxe pra festa?

Já em relação às clivadas invertidas, como em (33a,b)<sup>21</sup>, as autoras observam que essas sentenças realizam apenas focalização contrastiva, “e não são pragmaticamente adequadas para contextos de pergunta-resposta, nem mesmo quando [XP] focalizado se refere a um sujeito.” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 196) Essa afirmação pode ser observada nas sentenças (34) e (35).

---

<sup>20</sup> As sentenças (31) e (32) correspondem, respectivamente, aos exemplos (23) e (27) de Guessser e Quarezemin (2013, p. 195).

<sup>21</sup> As sentenças (33-35) correspondem aos dados (32-34) de Guessser e Quarezemin (2013, p. 196).

- (33) a. Um rapaz foi que falou (não uma menina).  
b. Um livro foi que a Maria comprou (não uma revista).

- (34) a: Quem comeu o bolo?  
b: # O João é que comeu o bolo.

- (35) a: O que o João comeu?  
b: #O bolo é que o João comeu.

A análise das autoras para a assimetria das sentenças clivadas baseia-se nos trabalhos de Belletti (2010), que estuda os aspectos sintáticos das clivadas, e de Roisenberg e Menuzzi (2008), que trata de aspectos semânticos e pragmático-discursivos. Roisenberg e Menuzzi (2008) questionam a afirmação de Kiss (1998 apud GUESSER; QUAREZEMIN, 2013) sobre a obrigação do traço de exaustividade nas clivadas. “Os autores estudam em PB as contrapartes das clivadas-it do inglês e concluem que [...] é possível encontrar manifestações de clivadas sem o traço de exaustividade.” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013, p. 197).

Kiss (1998 apud GUESSER; QUAREZEMIN, 2013) afirma que as clivadas-it do inglês são degradadas quando o foco é um quantificador universal ou existencial, pelo fato de esses quantificadores não exprimirem uma identificação por exclusão. Porém, Roisenberg e Menuzzi (2008 apud GUESSER; QUAREZEMIN, 2013) mostram que esse tipo de clivada é possível, uma vez que sentenças clivadas do PB correspondentes às clivadas-it do inglês, como (36) e (37)<sup>22</sup>, focalizando um quantificador universal e um quantificador existencial, respectivamente, não se mostram agramaticais.

- (36) Ontem foi TODO MUNDO que veio. (não só a metade do grupo).

- (37) a. Quem foi que roubou os doces que estavam aqui?

B: Eu não fui.

C: Nem eu.

A': Bom, foi alguém (que roubou), porque eles não iam sair andando.

---

<sup>22</sup> Reproduzimos, em (36) e (37), os exemplos de Roisenberg e Menuzzi (2008).

Com isso, “os autores [ROISENBERG; MENUZZI, 2008] concluem que a exaustividade, ainda que geralmente seja verificada no uso das clivadas, não faz parte do significado convencional dessas estruturas.” (QUAREZEMIN; GUESSER, 2013, p.198)

Em relação ao trabalho de Belletti (2010), as autoras elencam quatro hipóteses principais nas quais elas se baseiam. São elas:

1. A cópula das sentenças clivadas seleciona um FocP, ou seja, um CP do tipo focal.
2. “Nos termos da estrutura do sistema complementizador de Rizzi (1997, 2001), o CP selecionado pela cópula tem como projeção mais alta não ForceP, mas sim FocP.” (QUAREZEMIN; GUESSER, 2013, p. 20) Representado em (38)<sup>23</sup>:

(38) T ..... cópula [~~CP Force~~ FocP ... .. [ FinP que [TP S ...O/(PP)]]]]

3. “o complementizador que se origina em Fin° e se move para o núcleo mais acima no sistema CP” (QUAREZEMIN; GUESSER, 2013, p. 198), como pode ser observado em (39):

(39) a. E’MARIA che il libro l’ha comprato (non Gianni)

b. E’ [<sub>FocusP</sub> MARIA che [<sub>TopP</sub> il libro [<sub>FinP</sub> t che ..... [IP...]]]]

4. Nas sentenças clivadas canônicas focalizando o sujeito, o CP contém um traço EPP<sup>24</sup> que exprime uma relação de predicação entre o próprio sujeito e a sentença que segue o CP.

Com base nessas hipóteses, Guesser e Quarezemin (2013) mostram a representação de uma sentença clivada em contexto de nova informação, reproduzida em (40b)<sup>25</sup>:

<sup>23</sup> Extraída de Guesser e Quarezemin (2013, p. 198).

<sup>24</sup> Extendend Projection Principle (Princípio de Projeção Estendida): postula que todas as sentenças das línguas naturais possuem sujeito.

(40) a. Foi um rapaz que comeu a torta.

b.  $pro_{expl} \dots [TP \text{ foi}_j \dots [FocP \text{ um rapaz}_i [VP \text{ t}_j [CP \text{ Foc}_e \dots [EPP \text{ t}_i \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ comeu}_{ti} \text{ a torta}]]]]]]]$

Como podemos observar em (40b),

o sujeito se move da sua posição de merge externo dentro do IP encaixado, passa pela posição EPP complemento da cópula e, sucessivamente, se move para o Spec de FocP da periferia de VP disponibilizada pela cópula. A cópula se move para o núcleo flexional que a hospeda, e um pro expletivo ocupa a posição Sujeito da frase matriz. (QUAREZEMIN; GUESSER, 2013, p. 21)

Já para as clivadas sujeito com foco contrastivo as autoras utilizam a seguinte representação:

(41)  $pro_{expl} \dots [TP \text{ foi}_j [VP \dots \text{ t}_j [FocP \text{ um rapaz}_i \text{ Foc } [EPP \text{ t}_i \dots \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ comeu}_{ti} \text{ a torta}]]]]]$

A diferença da representação (40) para (41) é que nesta última a periferia esquerda da sentença subordinada é ativada, não a periferia da cópula.

Com base em Menuzzi (2000), Rizzi (2006) e Rizzi e Shlonsky (2007), as autoras assumem que “a extração do sujeito para a focalização se dá a partir de uma posição mais baixa do que SubjP. Um pro expletivo ocupa a posição Sujeito da frase subordinada, satisfazendo assim o Subject Criterion.” (QUAREZEMIN; GUESSER, 2013, p. 199)

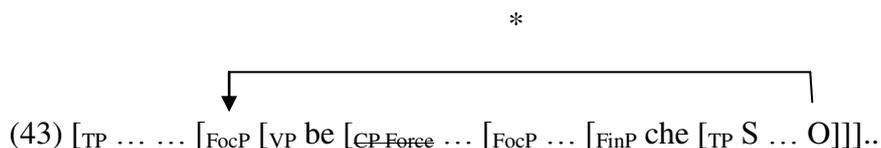
Em relação às clivadas objeto contrastivo, como “Foi uma torta que o Pedro trouxe”<sup>26</sup>, as autoras sugerem a seguinte estrutura, na qual as clivadas objeto se diferenciam das clivadas sujeito em contexto de contraste pela ausência da posição EPP (referente ao sujeito), que está presente nas clivadas sujeito.

(42)  $pro_{expl} [TP \dots \text{ foi}_j [VP \text{ t}_j [FocP \text{ uma torta}_i \text{ Foc } \dots [FinP \text{ que } [TP \text{ o Pedro trouxe}_{ti} ]]]]]]$

<sup>25</sup> O exemplo (40a-b) corresponde à estrutura (45a-b) de Guesser e Quarezemin (2013, p. 199).

<sup>26</sup> Essa sentença e sua estrutura referem-se aos exemplos (47a-b) de Guesser e Quarezemin (2013, p. 199).

As autoras propõem que a representação de uma sentença clivada canônica com objeto de nova informação na periferia da cópula não é possível, como mostra (43).



Na estrutura acima, o CP é reduzido no nível de FocP. Conseqüentemente, não há uma posição intermediária entre a posição de origem – IP encaixado – e a posição final – Spec de FocP da periferia de VP – do objeto. “Não podendo alcançar a projeção de FocP da periferia de VP, o objeto não é capaz de receber a interpretação de nova informação”. (QUAREZEMIN; GUESSER, 2013, p. 199)

Segundo as autoras, em determinados contextos, clivadas canônicas, focalizando sujeito ou objeto, com foco de nova informação/não contrastivo compartilham a propriedade na qual o foco tem sempre uma interpretação marcada por um traço de tópico, portanto, ao mesmo tempo em que o elemento focalizado é uma nova informação não contrastiva, é também um elemento presente no contexto discursivo, como pode ser observado em (44):

(44) “No domingo eu fui à feira ‘hippie’ ali, pra tentar compreendê-los um pouco melhor mas, sabe, eu saí de lá sem entender praticamente nada. [...] Apenas eles deram um pouco de descontração no mundo, isso deram, deram sim, realmente. À moda, tudo isso, isso realmente foi um benefício que eles trouxeram.” (NURC/RJ – 92)

Sendo assim, as autoras assumem que as clivadas em que o foco se faz presente no contexto discursivo, como em (44), envolvem uma posição de foco que é dotada tanto de um traço [+foco] quanto de um traço [+tópico], e é localizado na periferia esquerda da sentença subordinada.

Portanto, na representação de clivadas como a sentença (45)<sup>27</sup>, o foco “se move da sua posição temática dentro do IP encaixado para o Spec de Foc [+foco; +tópico] do CP subordinado, e a cópula se move para um núcleo funcional mais alto que a projeção verbal.” (GUESSER e QUAREZEMIN, 2013, p. 202)

<sup>27</sup> Adaptamos a derivação de Guesser e Quarezemin (2013) para o exemplo da nossa sentença.

(45) .... .... pro<sub>expl</sub> [TP ... foi [FocP[+ foco; +tópico] um benefício<sub>i</sub> Foc°... [FinP que [TP eles trouxeram t<sub>i</sub> ]]]]

### 1.7 QUAREZEMIN (2011): FOCALIZAÇÃO DO SUJEITO E DO OBJETO NAS CLIVADAS DO PB

Quarezemin (2011), estudando as clivadas e a focalização no PB, afirma que a clivagem ocorre com maior incidência nos casos de foco contrastivo e quando o foco é o sujeito da sentença. Em relação ao foco de informação, raramente o objeto é clivado pelos falantes. Para ilustrar essas informações, a autora cita o experimento de Quarezemin (2009) a fim de verificar as estratégias de focalização no PB. O resultado do experimento mostra que, em se tratando de focalização do objeto em contexto de nova informação, os falantes do PB preferem o foco in situ. Com isso, a autora observa que apenas 5,7% dos dados apresentam o objeto focalizado por meio do processo de clivagem e, desses, nenhum corresponde a uma clivada canônica, já que as sentenças produzidas pelos falantes nesse contexto foram pseudoclivadas.

Em relação à clivagem do objeto com foco contrastivo, a autora constata, de acordo com os resultados do experimento, que a clivagem é a estratégia de focalização mais empregada, já que, de acordo com Quarezemin (2009), 93,7% dos dados sobre a focalização contrastiva do objeto são sentenças clivadas.

Quando o sujeito da sentença é o foco, a autora constata que a clivagem é uma estratégia recorrente, indiferente se o foco é de informação ou contrastivo. Nos casos de sujeito focalizado em contexto de contraste, os resultados de Quarezemin (2009) mostram que 78% dos falantes analisados preferem as sentenças clivadas. Para verificar a focalização do sujeito em contexto de nova informação, Quarezemin (2011) cita os resultados do experimento realizado por Guessier (2007 apud QUAREZEMIN, 2011) que mostram que 50% dos falantes observados utilizam sentenças clivadas em contexto de nova informação.

Com isso, de acordo com Quarezemin (2011, p. 101), “há pelo menos dois tipos de sentenças clivadas em jogo: as clivadas que veiculam foco de informação (sujeito clivado) e as clivadas que veiculam foco contrastivo (sujeito ou objeto clivados).”

No próximo capítulo apresentaremos o banco de dados do qual retiramos as sentenças que analisamos, a metodologia que adotamos neste trabalho, os dados que utilizaremos para mostrar a assimetria sujeito-objeto nas sentenças clivadas, além de discutir outros dados relevantes.

## 1.8 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste primeiro capítulo apresentamos a definição de sentenças clivadas, bem como algumas propriedades desse tipo de sentença. Uma propriedade trivial elencada por Miotto e Negrão (2007) é a que determina a estrutura que uma sentença clivada deve ter para ser considerada como tal. Utilizaremos essa estrutura proposta pelos autores para identificar uma clivada canônica. Portanto, uma sentença clivada deve apresentar a estrutura [cópula + foco + CP], sendo que o CP das clivadas é sempre preenchido pelo complementizador ‘que’.

Também apresentamos a definição e os tipos de foco. Zubizarreta (1998) utiliza o traço [contrastivo] para a distinção de dois tipos de foco: o contrastivo, que pode ser representado como [x mas não y], e o foco não contrastivo. Kiss (1998) acrescenta o traço [exaustivo]. Quando o valor do foco for positivo para esse traço, ele é denominado foco de identificação e pode ser interpretado como [x e apenas x], já quando o valor for negativo, a autora denomina de foco de informação. Miotto (2003) elabora um quadro relacionando os dois traços propostos por Zubizarreta e Kiss e conclui que são três os tipos de foco: o de informação (K), não-contrastivo (Z), o de identificação (K) e o contrastivo (Z) e (K).

Além disso, falamos sobre a posição do foco na sentença e suas diferentes interpretações. Quando o foco estiver in situ, ou seja, na posição em que é gerado, temos o foco de informação (Z) ou não contrastivo (K). Já quando estiver deslocado, o foco veiculado pode ser de identificação (K) ou contrastivo (Z) e (K).

Mostramos a estrutura das sentenças clivadas proposta por Miotto (2001), também adotada por Miotto e Negrão (2007). A representação da clivada conta com uma projeção funcional específica para alojar o foco.

Apresentamos a proposta de Guessier e Quarezemin (2013) quanto à assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas, na qual baseamos a nossa análise. As autoras propõem uma estrutura para as clivadas sujeito em contexto de nova informação e outra para

as clivadas objeto no mesmo contexto. Elas também observam que ocorre uma assimetria em relação às duas, já que uma clivada focalizando o sujeito responde naturalmente uma pergunta sobre o sujeito, enquanto uma clivada objeto não é adequada para responder uma pergunta sobre o objeto. As autoras também discorrem sobre as clivadas nas quais o elemento focalizado é dotado dos traços [+foco] e [+tópico], isso ocorre quando o foco está presente no contexto discursivo.

Por fim, apresentamos alguns dados de Quarezemin (2009), compilados por Quarezemin (2011), sobre as estratégias de focalização do sujeito e objeto a fim de mostrar resultados de outras pesquisas sobre o tema.

## 2 METODOLOGIA DA COLETA DE DADOS

Neste capítulo apresentaremos os dados utilizados nesta pesquisa, mostrando o banco de dados do qual foram retiradas as sentenças clivadas utilizadas neste trabalho. Também descreveremos a metodologia utilizada nesta monografia bem como os critérios utilizados para a escolha das sentenças. Apresentaremos os dados, ou seja, as sentenças clivadas focalizando sujeito e objeto e também outros dados relevantes. Por fim, apresentaremos um panorama geral das clivadas com sujeito e objeto focalizados em diferentes contextos e a sua interpretação focal.

### 2.1 BANCO DE DADOS

As sentenças que compõem o corpus desta pesquisa foram retiradas do acervo online do Projeto Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ). O acervo possui entrevistas gravadas entre as décadas de 1970 e 1990. Todas as entrevistas disponíveis possuem transcrição.

Escolhemos esse banco de dados por fornecer um acervo disponível online e, portanto, ser de fácil acesso. Como nossa pesquisa não pretende levar em conta fatores extralinguísticos, como idade, sexo, região e escolaridade, esses dados possuem pouca relevância para o presente trabalho. Portanto, descreveremos brevemente esses fatores a fim de identificarmos os informantes.

De acordo com a descrição do próprio site, os informantes possuem nível superior completo, nasceram no Rio de Janeiro e a maioria são filhos de pais cariocas.

### 2.2 METODOLOGIA

O banco de dados que utilizamos possui muitas entrevistas longas. Para facilitar o trabalho de selecionar sentenças clivadas decidimos fazer uma busca, para cada entrevista transcrita, do elemento ‘que’, já que, para ser considerada uma sentença clivada, admitimos que a presença do complementizador ‘que’ é obrigatória. Após filtrarmos as sentenças que

possuíam esse elemento em sua composição, analisamos uma por uma para descartar as que não poderiam ser consideradas clivadas. Também analisamos os contextos em que elas foram produzidas<sup>28</sup>. É importante salientar que trabalhamos com os dados de forma qualitativa, ou seja, analisamos cada sentença e utilizamos apenas as que pudessem contribuir para o nosso objetivo.

As clivadas são sentenças típicas de fala, porém, não são utilizadas com tanta frequência. Apesar disso, escolhemos utilizar dados reais a fim de trazer exemplos originais sobre o fenômeno da assimetria, pois nosso propósito não é trabalhar com sentenças ideais, mas sim estudar as clivadas produzidas no cotidiano e estudá-las no contexto em que foram produzidas.

As falas produzidas nas entrevistas do banco de dados do NURC/RJ são extensas e geralmente relatam algum fato. Portanto, encontramos muitas dificuldades para analisar as sentenças clivadas produzidas pelos informantes, já que não se tratava de contexto pergunta-resposta, pois muitas vezes o relato do informante não tinha muita ligação com a pergunta ou com a fala do entrevistado, mas sim de contexto de fala espontânea. Sendo assim, a fim de analisarmos o fenômeno da assimetria, criamos contextos de pergunta-resposta para as sentenças clivadas que, de alguma forma, estavam relacionadas às perguntas feitas pelo entrevistador. As sentenças que não se encaixavam nesse contexto apresentavam uma peculiaridade: o elemento focalizado já estava presente no contexto discursivo. Este caso específico será visto nas próximas seções.

## 2.3 AMOSTRA

Nesta seção reproduziremos os dados que utilizaremos para mostrar a assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas em contexto de pergunta-resposta retiradas do banco de dados do NURC/RJ, bem como outros dados que consideramos relevantes.

### 2.3.1 Clivadas-sujeito

---

<sup>28</sup> Apresentamos, nos anexos, trechos das entrevistas analisadas a fim de mostrar os contextos originais nas quais as sentenças foram produzidas.

No banco de dados online do Projeto NURC/RJ encontramos as seguintes sentenças clivadas focalizando sujeito em contexto de nova informação:

- (1) “Foi um rapaz que foi baleado”. (NURC/RJ – 140)<sup>29</sup>
- (2) “Foi a velhinha que botou isso lá”. (NURC/RJ – 237)
- (3) “Foi meu avô que comprou”. (NURC/RJ – 106)
- (4) “Foi a embaixada japonesa que fez.” (NURC/RJ – 115)
- (5) “Foi meu pai que me deu”. (NURC/RJ – 191)
- (6) “Foi um massagista que ensinou pra gente”. (NURC/RJ – 105)

### **2.3.2 Clivadas-objeto**

Encontramos, no banco de dados online do NURC/RJ, as seguintes sentenças clivadas focalizando objeto em contexto de nova informação:

- (7) “Foi o bar da esquina que foi assaltado quatro vezes.” (NURC/RJ – 339)
- (8) “São choques que o avião leva”. (NURC/RJ – 118)
- (9) “Foi um, um treinamento de professores que eu dei”. (NURC/RJ – 142)
- (10) “Em Portugal foi a estufa fria que eles fizeram em Lisboa”. (NURC/RJ – 352)

---

<sup>29</sup> O número entre parênteses corresponde ao número do “inquérito” de cada entrevista. O link completo encontra-se nas referências deste trabalho.

### 2.3.3 Outras clivadas

Além das clivadas sujeito e clivadas objeto com foco de nova informação, constatamos, no bando de dados online do Projeto NURC/RJ, outros tipos de sentenças clivadas que não se encaixavam no contexto que pretendemos analisar, ou seja, clivadas focalizando sujeito e objeto com foco de nova informação. Porém, mesmo não se encaixando nesses contextos, encontramos alguns dados interessantes e muito relevantes para os estudos das clivadas em geral.

#### 2.3.3.1 Clivada com pronome

Encontramos, no banco de dados do NURC/RJ, apenas uma sentença clivando pronome, reproduzida em (11). Nessa sentença, o constituinte clivado é o pronome demonstrativo “disso”. É importante salientar que o elemento focalizado, ou seja, o constituinte “disso”, além de possuir o traço de foco, também é dotado do traço de tópico, já que o elemento focalizado está presente no contexto discursivo.

(11) “Então foi [<sub>F</sub> disso] que eu falei.” (NURC/RJ – 391)

#### 2.3.3.2 Perguntas clivadas

Encontramos, também, duas sentenças clivadas interrogativas, reproduzidas em (12-13). É importante salientar que o foco das interrogativas clivadas encontra-se nas respostas a essas perguntas.

(12) “DOC - Isso foi você que fez?” (NURC/RJ – 84)

(13) “Foi ele que tratou disso tudo?” (NURC/RJ – 227)

### 2.3.3.3 Clivadas com adjunto

Dentre as sentenças analisadas, localizamos quatro clivadas focalizando adjunto, reproduzidas abaixo:

(14) “Foi [F nessa ocasião] que eu falei.” (NURC/RJ – 237)

(15) “Foi [F nessa época] que eu mudei.” (NURC/RJ – 358)

(16) “Foi [F em julho] que eu fui a primeira vez.” (NURC/RJ – 61)

(17) “Foi [F em mil novecentos e sessenta e um] que eu comecei a morar em apartamento.” (NURC/RJ – 293)

### 2.3.3.4 Clivada com partícula dêitica/locativa

No banco de dados encontramos as seguintes sentenças clivadas focalizando uma partícula dêitica/locativa:

(18) “Foi [F lá] que eu comecei a, a admitir canários, pássaros presos.” (NURC/RJ – 68)

(19) “Foi [F lá] que eu fui uma vez.” (NURC/RJ – 114)

### 2.3.3.5 Clivadas sem exclusão

Menuzzi e Teixeira (2013) discutem o efeito de exaustividade nas sentenças clivadas. Os autores questionam, a partir de dados de clivadas espontâneas encontradas em jornais e revistas, os “efeitos de exaustividade” das clivadas. Menuzzi e Teixeira (2013, p. 2) acreditam que “tais ‘efeitos’ são mais complexos do que a mera ‘exclusão de alternativas contextualmente dadas’.” Os autores citam o trabalho de Kiss (1998), muito influente da

literatura sintática sobre foco, que afirma que em toda sentença clivada há identificação por exclusão e que esse tipo de sentença não é adequada em contexto de nova informação.

Mioto e Negrão (2007, p. 28) também retomam o trabalho de Kiss (1998) para a qual alguns tipos de sintagmas introduzidos por item lexical<sup>30</sup> correspondendo a ‘até’, por exemplo, não podem ocupar a posição de foco identificacional em Húngaro. Os autores então fornecem o exemplo (20), equivalente para o português. Isso ocorre, segundo os autores, porque elementos desse tipo não são capazes de expressar exaustividade, em outras palavras, não fazem identificação por exclusão.

(20) \*Foi [<sub>F</sub> até uma bolsa] que a Maria comprou naquela loja.

Mioto e Negrão (2007) sinalizam a sentença com um asterisco no início informando que a sentença é agramatical. Porém, nas sentenças analisadas do banco de dados do NURC/RJ, verificamos duas clivadas que focalizam o elemento “até” que, segundo os autores, é incapaz de expressar exaustividade. As sentenças (21) e (22) são dotadas de constituintes clivados compostos pelo elemento “até” e são muito semelhantes à sentença (20). Portanto, se um elemento incapaz de expressar exaustividade não pode ocupar uma posição de foco nas sentenças clivadas, como explicar os dados abaixo?

(21) “Foi [<sub>F</sub> até "Um grito na noite"] que nós vimos.” (NURC/RJ – 259)

(22) “Foi [<sub>F</sub> até um amigo] que me deu.” (NURC/RJ – 6)

Guessser e Quarezemin (2013) também abordam o tema da exaustividade nas clivadas e citam o trabalho de Roisenberg e Menuzzi (2008), no qual os autores mostram, diferentemente do que é proposto por Kiss (1998), que é possível encontrar clivadas sem o traço de exaustividade. Por fim, Guessser e Quarezemin (2013, p. 19) afirmam que “os autores [ROISENBERG; MENUZZI, 2008] concluem que a exaustividade, ainda que geralmente seja verificado no uso das clivadas, não faz parte do significado convencional dessas estruturas.”

---

<sup>30</sup> Os autores também citam outros tipos de elementos que não podem ocupar a posição de foco, porém, só mencionamos o ‘até’ porque é o que nos interessa para esta pesquisa.

Os dados apresentados nesta subseção indicam que é possível encontrar clivadas sem o traço de exaustividade, conforme as sentenças (21-22). Este assunto será estudado em trabalho futuro.

Na próxima seção, faremos um panorama geral das clivadas e sua interpretação focal.

## 2.4 CLIVADAS E A INTERPRETAÇÃO FOCAL

Antes de mostrarmos a assimetria sujeito-objeto focalizado nas sentenças clivadas, é importante fornecermos um panorama, retirado de Quarezemin (2014), relacionando os contextos das clivadas sujeito e objeto com a interpretação focal.

Tratando-se de contexto de correção, ou seja, quando há correção de uma informação anterior, percebemos que sujeito e objeto focalizados ocupam uma posição na periferia esquerda da sentença subordinada, como pode ser observado em (23):

(23) a. Foi A ANA que beijou o Pedro (não a Joana).

b. Foi O PEDRO que a Ana beijou (não o José).

Em contexto pergunta-resposta, o sujeito focalizado ocupa uma posição na periferia da cópula, como em (24a-b), posição incompatível com o objeto<sup>31</sup> (24a'-b').

(24) a. Quem leu Dom Casmurro?

b. Foi [<sub>F</sub> a Maria] que leu Dom Casmurro.

a'. O que a Maria leu?

b'. #Foi [<sub>F</sub> Dom Casmurro] que a Maria leu.

Como podemos observar em (24a'-b'), uma clivada objeto não é capaz de responder uma pergunta-wh. Porém, em contextos específicos, por exemplo, quando é solicitada a identificação de um elemento, como em (25a), é possível ocorrer uma clivada objeto em contexto de pergunta-resposta (25b).

---

<sup>31</sup> Abordaremos esse tema com mais detalhes no capítulo 3.

(25) a. Quais desses livros a Maria leu?

b. Foi [F Dom Casmurro] que a Maria leu.

Quando o objeto é clivado nesses contextos, de acordo com Quarezemin (2014), o elemento focalizado é dotado do traço [+tópico], além do traço [+foco]. Isso ocorre quando o foco é uma informação não compartilhada e, ao mesmo tempo, um elemento presente no contexto discursivo imediato.

Em contexto de fala espontânea, denominado out-of-the-blue<sup>32</sup>, ocorrem clivadas objeto com foco de nova informação, como mostram os dados em (26) e (27). A maioria das sentenças clivadas focalizando sujeito e objeto que encontramos no banco de dados do NURC/RJ podem ser enquadradas dentro desse tipo de contexto.

(26) “D - Sempre aéreas?

L - Sempre aéreas. Eu viajei, aliás eu viajei, quando menino fiz uma viagem marítima com meu pai aos Estados Unidos, que aliás não ficou registrado aí, em quarenta e dois, e estive em New Orleans inclusive. Foi a primeira viagem que eu fiz. Estava com doze anos quando eu, quando eu tive contato com o norte pela primeira vez, porque passei por, por Recife, inclusive numa época muito interessante.” (NURC/RJ - 206)

(27) “DOC. - E sempre dá muito peixe assim?

LOC. - Não, tem semana que não. Ainda agora mesmo, no feriado, foi a melhor pescaria que eu já participei, né? Nós tiramos uns nove badejos, tiramos uma garoupa, umas, uma meia dúzia de corvinas e o resto, peixe miúdo, cororoca, bagre, né? Mas isso no feriado. Foi parece quinta-feira, né? Já chegou no sábado, dois dias depois, a pesca... a pescaria foi um verdadeiro fracasso. No entanto, no mesmo local de pescaria, no mesmo pesqueiro, né?” (NURC/RJ - 60)

Nesses contextos o objeto focalizado também porta o traço de tópico, já que o foco está presente no discurso imediato.

---

<sup>32</sup> Termo utilizado por Quarezemin (2014).

No próximo capítulo apresentaremos a nossa proposta de análise, que defende que clivadas sujeito e clivadas objeto apresentam uma assimetria em contexto de nova informação. Mostraremos essa assimetria através dos dados apresentados neste capítulo.

## 2.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentamos o banco de dados online do Projeto NURC do Rio de Janeiro, acervo no qual foram retiradas as sentenças utilizadas nesta pesquisa, e descrevemos a metodologia empregada. Também descrevemos os critérios que utilizamos para a seleção das sentenças. Reproduzimos o corpus que usaremos a fim de exemplificar o fenômeno da assimetria sujeito-objeto focalizado nas sentenças clivadas.

Mostramos, também, os casos enigmáticos, aquelas sentenças clivadas que achamos relevantes ou que tivemos dificuldade para analisar e que não se encaixavam no fenômeno da assimetria. Além disso, abordamos o tema da exaustividade nas clivadas e apresentamos alguns exemplos que suscitam discussões acerca do tema.

Ao final deste capítulo, fizemos uma síntese relacionando os diferentes tipos de foco das clivadas e sua interpretação e incluímos, neste apanhado geral, o contexto denominado out-of-the-blue, que faz parte da maioria das sentenças clivadas que encontramos no banco de dados do NURC/RJ.

### **3 SENTENÇAS CLIVADAS: ASSIMETRIA SUJEITO-OBJETO FOCALIZADOS**

Neste capítulo apresentaremos o nosso objeto de estudo, mostraremos, a partir das sentenças elencadas no capítulo dois, que há uma assimetria em relação às clivadas focalizando sujeito e às clivadas focalizando objeto em contexto de nova informação. Basearemos a nossa análise no trabalho de Guessser e Quarezemin (2013), apresentado no primeiro capítulo.

É importante salientar que neste trabalho usaremos a abordagem de Miotto e Negrão (2007) como norteadora para a identificação das sentenças clivadas. Portanto, para nós, uma clivada possui a estrutura [cópula + foco + CP], sendo que o núcleo de C é preenchido pelo complementizador 'que'. Analisamos somente dados de sentenças clivadas canônicas, já que não encontramos, no banco de dados do NURC/RJ, nenhum dado de clivada invertida.

#### **3.1 ANÁLISE DOS DADOS**

Nesta seção analisaremos, de acordo com a proposta de Guessser e Quarezemin (2013) apresentada na seção 1.6, as sentenças clivadas que focalizam sujeito e objeto em contexto de nova informação.

Trataremos apenas das clivadas canônicas, já que não encontramos, no banco de dados analisado, nenhuma clivada invertida. Dentre as clivadas canônicas, seis focalizam o sujeito e quatro focalizam o objeto.

É importante salientar que, em geral, as falas dos entrevistados do banco de dados do NURC/RJ são longas. Devido a esse fato, a maioria das sentenças que encontramos não estão inseridas no contexto que gostaríamos de analisar, como resposta a uma interrogativa. Com isso, para mostrar a assimetria nas sentenças clivadas focalizando sujeito e objeto, criaremos perguntas sobre o elemento clivado das sentenças com o objetivo de analisá-las no referido contexto.

##### **3.1.1 Clivadas focalizando sujeito**

Das seis clivadas focalizando o sujeito, todas possuem foco de nova informação/não contrastivo, porém, nenhuma delas está inserida em um contexto no qual responde a uma pergunta sobre o sujeito. Portanto, elaboramos sentenças que poderiam servir de perguntas para essas clivadas. As sentenças analisadas bem como as perguntas elaboradas<sup>33</sup> por nós podem ser observadas nos dados abaixo:

- (1) a. Quem foi baleado?  
 b. “Foi [<sub>F</sub> um rapaz] que foi baleado.” (NURC/RJ – 140)
- (2) a. Quem colocou a placa na jaula do leão?  
 b. “Foi [<sub>F</sub> a velhinha] que botou isso lá.” (NURC/RJ – 237)
- (3) a. Quem comprou esta casa?  
 b. “Foi [<sub>F</sub> meu avô] que comprou.” (NURC/RJ – 106)
- (4) a. Quem fez o filme?  
 b. “Foi [<sub>F</sub> a embaixada japonesa] que fez.” (NURC/RJ – 115)
- (5) a. Quem deu este relógio para você?  
 b. “Foi [<sub>F</sub> meu pai] que me deu.” (NURC/RJ – 191)
- (6) a. Quem ensinou isso pra vocês?  
 b. “Foi [<sub>F</sub> um massagista] que ensinou pra gente.” (NURC/RJ – 105)

Através dos dados percebemos que todas as sentenças cujo foco é o sujeito em contexto de nova informação/não contrastivo são adequadas em contexto pergunta-resposta. A análise sugerida por Guessier e Quarezemin (2013) para sentenças como (2b) pode ser observada em (7).

- (7) <sub>proexpl</sub> ... [TP foi<sub>j</sub> ... [<sub>FocP</sub> a velhinha<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> t<sub>j</sub> [<sub>CP-Force</sub> ... [<sub>EPP</sub> t<sub>i</sub> ... [ <sub>FinP</sub> que [TP botou t<sub>i</sub> isso lá]]]]]]

<sup>33</sup> Ressaltamos que as perguntas foram elaboradas de acordo com o contexto discursivo em que a sentença foi extraída. (ver anexo)

### 3.1.2 Clivadas focalizando objeto

No banco de dados do Projeto NURC/RJ encontramos quatro clivadas objeto com foco de nova informação. Assim como as clivadas focalizando sujeito, as sentenças que utilizaremos clivando objeto não estavam em contexto de pergunta e resposta. Portanto, a fim de verificar a assimetria sujeito-objeto focalizado nas sentenças clivadas em contexto de nova informação, procuramos elaborar sentenças interrogativas que pudessem servir de pergunta para as clivadas focalizando objeto, assim como no caso das clivadas sujeito. Entretanto, como esse tipo de clivada não ocorre em contextos de nova informação, não foi possível elaborar perguntas nas quais as clivadas focalizando objeto fossem adequadas por causa do contexto original<sup>34</sup>. Essa dificuldade corrobora com a hipótese de que essas sentenças não ocorrem em contextos de pergunta-resposta, pois clivadas objeto não são capazes de veicular foco de nova informação/não contrastivo. Guessser e Quarezemin (2013, p. 22-23), salientam que, “não podendo alcançar a projeção de FocP da periferia de vP, o objeto não é capaz de receber a interpretação de nova informação”. Nos dados (8-11) estão reproduzidas as clivadas focalizando objeto que utilizamos nesta pesquisa.

(8) “Foi [F o bar da esquina] que foi assaltado quatro vezes.” (NURC/RJ – 339)

(9) “São [F choques] que o avião leva.” (NURC/RJ – 118)

(10) “Foi [F um, um treinamento de professores] que eu dei.” (NURC/RJ – 142)

(11) “Foi [F a estufa fria] que eles fizeram em Lisboa.” (NURC/RJ – 352)

### 3.1.3 Assimetria sujeito-objeto focalizado nas sentenças clivadas

Segundo Quarezemin (2011), alguns autores (cf. MODESTO, 2001; MIOTO e NEGRÃO, 2007) sempre relacionam o constituinte clivado com os traços de contraste ou

---

<sup>34</sup> Ver anexo.

exaustividade. Com isso, os autores não reconhecem que as clivadas podem veicular um foco de informação. Porém, a autora afirma que nem todos os constituintes clivados veiculam esses traços, já que “uma pergunta-Wh sobre o sujeito pode ser respondida com uma sentença clivada que não implica contraste.” (QUAREZEMIN, 2011, p. 101)

A partir dos dados das seções 3.1.1 e 3.1.2, podemos verificar a assimetria sujeito-objeto focalizado nas sentenças clivadas em contexto de nova informação quando respondem uma pergunta sobre o foco (sujeito ou objeto). Uma clivada sujeito, como (3b), repetida em (12b), responde naturalmente a pergunta sobre o sujeito (12a), isso ocorre porque ela veicula um foco de nova informação, portanto, a posição final do sujeito é o Spec de FocP da periferia de VP, como mostra a representação em (13), essa posição é típica de foco de nova informação. Por outro lado, uma clivada objeto, como (10), repetida em (14), não serviria de resposta a uma pergunta sobre o objeto, visto que as clivadas objeto não são capazes de veicular um foco de informação/não contrastivo, pois o objeto clivado não consegue alcançar a projeção de FocP da periferia de VP. Guessser e Quarezemin (2013) apresentam o que seria a estrutura de uma clivada objeto com foco de nova informação, reproduzida em (15).

(12) a. Quem comprou esta casa?

b. “Foi meu avô que comprou.” (NURC/RJ – 106)

(13)  $_{\text{proexpl}} \text{proexpl} \dots [_{\text{TP}} \text{foi}_j \dots [_{\text{FocP}} \text{meu avô}_i [_{\text{VP}} t_j [_{\text{CP-} \text{Free}} \dots [_{\text{EPP}} t_i \dots [_{\text{FinP}} \text{que } [_{\text{TP}} \text{comprou } t_i]]]]]]]$

(14) “Foi um, um treinamento de professores que eu dei.” (NURC/RJ – 142)

\*



(15)  $[_{\text{TP}} \dots \dots [_{\text{FocP}} [_{\text{VP}} \text{be } [_{\text{CP-} \text{Free}} \dots [_{\text{FocP}} \dots [_{\text{FinP}} \text{che } [_{\text{TP}} \text{S } \dots \text{O}]]]]]]]$

A representação (15) não é possível porque quando o CP complemento é reduzido a FocP, o objeto foco não consegue alcançar FocP na periferia de VP, posição destinada ao foco de informação. Não há posição intermediária em CP para que o objeto passe e siga até o seu

destino. Se passar por FocP na periferia da subordinada, será congelado ali, devido ao congelamento criterial ( criterial freezing – cf. RIZZI, 2006).

As sentenças clivadas focalizando objeto não servem de resposta a uma interrogativa-wh, já que, para responder a esse tipo de pergunta, as clivadas devem veicular um foco de nova informação, e a posição específica para esse tipo de foco é na periferia de VP e, como já vimos, o objeto foco na clivada não alcança essa posição, mas apenas a posição foco na periferia de CP. Por outro lado, sentenças clivadas focalizando o sujeito respondem naturalmente uma pergunta sobre o sujeito, portanto, elas são capazes de veicular foco de nova informação.

Após mostrar a assimetria sujeito-objeto focalizados nas clivadas – nosso principal objetivo neste trabalho – mostraremos, na próxima seção, clivadas focalizando sujeito e objeto com foco de nova informação/não contrastivo em contexto out-of-the-blue.

### **3.1.4 Contexto out-of-the-blue**

As sentenças clivadas que encontramos no banco de dados do NURC/RJ focalizando sujeito e objeto em contexto de nova informação/não contrastivo que, de alguma forma, não estavam respondendo perguntas sobre o elemento focalizado, estão inseridas no contexto out-of-the-blue. Segundo Quarezemin (2014), essas clivadas aparecem em contexto de fala espontânea. Ainda de acordo com a autora, nesses casos o elemento focalizado também porta o traço de tópico, já que faz parte do discurso imediato.

Para Guessier e Quarezemin (2013, p. 202) “o PB de fato parece poder focalizar um elemento como nova informação na periferia esquerda da frase, quando este se refere a um elemento presente no discurso.”

A maioria das clivadas focalizando sujeito e objeto que analisamos estão inseridas nos contextos out-of-the-blue, já que são contextos de fala espontânea. Algumas sentenças de alguma forma respondiam as perguntas feitas pelos entrevistadores e focalizavam uma informação nova, por isso consideramos que essas sentenças estavam inseridas em contexto de pergunta-resposta.

Observemos, com mais atenção, as clivadas em contexto out-of-the-blue, reproduzidas em (16-26)<sup>35</sup> a fim de compreender melhor esse tipo de contexto.

(16) “Isso a gente sempre leva, mesmo que seja mais caro, mas a gente sabe que vai ter um trabalho satisfatório. O A. aqui em cima, foi ele que me ensinou essa casa e eu justamente eu conheci desde o tempo que eu já ia no ginásio lá e quando preciso vou lá.” (NURC/RJ – 273)

(17) “E ind... já me disseram que o homem que, que, que resolveu isso, que aliás é um, um, parece ser um homem de muito valor, o Assis Ribeiro, né, foi ele que fez o plano.” (NURC/RJ – 233)

(18) “Quando a div... a diversão é assim calma, outra coisa, roda-gigante. Há muito tempo, eu só fui uma, há muito tempo que eu não ia. Quando eu perdi o medo, caiu. Foi aquela que caiu.” (NURC/RJ – 162)

(19) “D - Esse filme "Gritos e sussurros" será que a senhora podia descrever detalhes?  
L - Não.  
D - As pessoas que trabalham, maneira de ser feito o filme.  
L - Não posso. Engraçado, foi um filme que me angustiou e eu não posso descrever.” (NURC/RJ – 259)

(20) “Eu me dei muito, sempre muito bem com a minha sogra, foi a segunda mãe que eu arrumei.” (NURC/RJ – 28)

(21) “Não sei o que que o padre disse. Só me lembro dele ter dito que ia abençoar as alianças porque às vezes o diabo se mete nessas coisas. Foi a única coisa que eu me lembro dele ter dito.” (NURC/RJ – 10)

---

<sup>35</sup> Reproduzimos as sentenças em seus respectivos contextos. Sublinhamos as clivadas para auxiliar na identificação.

(22) “D - São todos homens?  
L - Não. Tem a mais velha é mulher também mas foi a primeira que se casou.”  
NURC/RJ – 210)

(23) “Por exemplo uma, uma coisa que nós vimos no outro dia quando passou o filme do (inint.) quando estive aqui naquele congresso, foi um troço que me impressionou pra burro.” NURC/RJ – 97)

(24) “D - Sempre aéreas?

L - Sempre aéreas. Eu viajei, aliás eu viajei, quando menino fiz uma viagem marítima com meu pai aos Estados Unidos, que aliás não ficou registrado aí, em quarenta e dois, e estive em New Orleans inclusive. Foi a primeira viagem que eu fiz. Estava com doze anos quando eu, quando eu tive contato com o norte pela primeira vez, porque passei por, por Recife, inclusive numa época muito interessante.” (NURC/RJ – 206)

(25) “No domingo eu fui à feira `hippie' ali, pra tentar compreendê-los um pouco melhor mas, sabe, eu saí de lá sem entender praticamente nada. [...] Não sei realmente a que eles pretendem chegar, realmente eu não sei. Apenas eles deram um pouco de descontração no mundo, isso deram, deram sim, realmente. À moda, tudo isso, isso realmente foi um benefício que eles trouxeram.” (NURC/RJ – 92)

(26) “DOC. - E sempre dá muito peixe assim?

LOC. - Não, tem semana que não. Ainda agora mesmo, no feriado, foi a melhor pescaria que eu já participei, né? Nós tiramos uns nove badejos, tiramos uma garoupa, umas, uma meia dúzia de corvinas e o resto, peixe miúdo, cororoca, bagre, né? Mas isso no feriado. Foi parece quinta-feira, né? Já chegou no sábado, dois dias depois, a pesca... a pescaria foi um verdadeiro fracasso. No entanto, no mesmo local de pescaria, no mesmo pesqueiro, né?” (NURC/RJ – 60)

Podemos observar que todas as sentenças clivadas estão em contexto de fala espontânea. Além disso, tanto as que focalizam sujeito quanto as que focalizam objeto referem-se a constituintes presentes no discurso imediato, portanto, os elementos focalizados das onze clivadas em contexto out-of-the-blue contêm os traços [+foco] e [+tópico]. Na sentença (16) o foco "ele" refere-se à "A.", presente logo antes da clivada; na (17) semelhante à sentença (16), o foco "ele" é um pronome que retoma o constituinte "Assis Ribeiro", pronunciado antes da sentença clivada; em (18) o termo "aquela" refere-se à roda-gigante, assunto sobre o qual o entrevistado estava falando; na sentença (19) o constituinte "um filme" refere-se a "Gritos e Sussurros", presente no contexto discursivo; o foco da sentença (20) "a segunda mãe" remete à sogra do entrevistado, mencionada logo antes da sentença clivada; em (21), o elemento clivado "a única coisa" remete-se a "abençoar as alianças porque às vezes o diabo se mete nessas coisas", ou seja, primeiramente o entrevistado pronuncia a fala do padre e depois focaliza que a fala do padre citada por ele foi a única coisa que ele lembra; na sentença (22) o elemento "a primeira" refere-se à filha mais velha do entrevistado, presente no contexto discursivo; já em (23), o foco "um troço" faz referência a algo que o entrevistado viu no filme que havia assistido e que o impressionou bastante; na sentença (24) o elemento clivado "primeira viagem", refere-se à viagem que o entrevistado fez aos Estados Unidos; já em (25) o elemento "um benefício", refere-se, na realidade, aos benefícios deixados pelos hippies, neste caso, "descontração no mundo" e "moda"; por fim, na sentença (26) o foco "melhor pescaria" remete àquela que ocorreu no feriado na qual o entrevistado estava relatando ao entrevistador.

Portanto, após a verificação das sentenças em contexto out-of-the-blue retiradas do banco de dados do NURC/RJ, podemos afirmar que as sentenças clivadas veiculam foco de nova informação, ocorrendo em dois contextos distintos: em contexto de pergunta-resposta, como podemos observar na seção 3.1.1, neste caso só as clivadas focalizando sujeito são capazes de responder uma pergunta sobre o elemento focalizado<sup>36</sup>; e em contexto out-of-the-blue, que ocorre na fala espontânea e o elemento focalizado recebe os traços [+foco] e [+tópico], já que se refere a um elemento presente no contexto discursivo imediato. Nesse tipo

---

<sup>36</sup> Como já mencionamos na página 38, uma clivada objeto pode ser empregada em um contexto de pergunta-resposta somente se houver a necessidade de identificação de um elemento, como na sentença (i), abaixo, nestes casos, o elemento focalizado também recebe o traço de tópico, já que é um elemento presente no contexto discursivo.

- (i) a. Quais desses livros a Maria leu?
- b. Foi [F Dom Casmurro] que a Maria leu.

de contexto percebemos que tanto clivadas focalizando sujeito quanto clivadas focalizando objeto são adequadas.

### 3.2 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo analisamos dos dados que coletamos no bando de dados do NURC/RJ. Apresentamos as clivadas focalizando sujeito com foco de nova informação e elaboramos perguntas sobre o sujeito a fim de criarmos um contexto adequado para mostrar a assimetria. Apresentamos, também, as clivadas focalizando objeto. Então, mostramos a assimetria que ocorre em relação a esses dois tipos de sentença, comparando-as.

Por fim, apresentamos as clivadas focalizando sujeito e objeto em contexto out-of-the-blue, que engloba a maioria das sentenças do banco de dados do NURC/RJ, já que essas sentenças são produzidas em contexto de fala espontânea. Mostramos, também, que clivadas em contextos de fala espontânea focalizam elementos presentes no contexto discursivo imediato, portanto, o foco dessas sentenças também possui o traço de tópico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos mostrar a assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas do PB em contexto pergunta-resposta a partir de dados reais de fala. Para tanto, escolhemos o banco de dados online do Projeto NURC/RJ, analisamos as sentenças clivadas e separamos os dados que seriam pertinentes a esta pesquisa.

No primeiro capítulo apresentamos a definição de uma clivada, sua estrutura, bem como os tipos de foco. Para descrever o processo da clivagem tomamos por base Miotto (2003), Miotto e Negrão (2007), Modesto (2001) e Guessser e Quarezemin (2013). Ainda no primeiro capítulo, apresentamos os resultados de Quarezemin (2011) sobre a focalização do sujeito e do objeto no PB. Segundo a autora, em relação a contextos de nova informação, a clivada sujeito é mais recorrente do que a clivada focalizando objeto. De acordo com os dados analisados neste trabalho, observamos que as sentenças clivadas em contexto de nova informação produzidas pelos entrevistados focalizando sujeito foram mais significativas do que as clivadas focalizando objeto. Um fator que contribui para essa constatação é que as clivadas sujeito com foco de nova informação ocorrem em mais contextos (pergunta-resposta e out-of-the-blue) do que as que focalizam objeto (somente out-of-the-blue). Também apresentamos a proposta de Guessser e Quarezemin (2013) sobre a assimetria sujeito-objeto focalizado nas clivadas do PB.

No capítulo dois apresentamos o banco de dados do qual retiramos as sentenças que utilizamos nesta pesquisa e mostramos os dados encontrados – as clivadas focalizando sujeito e as clivadas focalizando objeto –, além de descrever a metodologia usada neste trabalho. Também mostramos outros dados de sentenças clivadas que achamos pertinentes, pois são pouco explorados na literatura, como as perguntas clivadas, as clivadas focalizando advérbios, pronomes, adjuntos e partículas dêiticas/locativas. Também comentamos sobre a exaustividade nas clivadas e apresentamos dois dados de sentenças, como a sentença (1), que questiona a exaustividade nas clivadas, já que, segundo alguns autores (cf. KISS, 1998; MIOTO E NEGRÃO, 2007; RESENES, 2009), uma clivada não pode focalizar elementos que não expressem exaustividade, como o caso de "até". Porém, como podemos observar em (1), essas sentenças são produzidas em contextos naturais de fala.

(1) “Foi [F até ‘Um grito na noite’] que nós vimos.” (NURC/RJ – 259)

Fechamos o segundo capítulo discorrendo sobre as clivadas e a interpretação focal, ou seja, elencamos os contextos possíveis para as clivadas sujeito e objeto e comentamos sobre o tipo de foco que cada uma veicula.

No terceiro capítulo mostramos, individualmente, as clivadas sujeito e as clivadas objeto. Para as sentenças clivadas focalizando sujeito elaboramos perguntas sobre o elemento focalizado, como em (2). Para as clivadas focalizando objeto, como (3), não conseguimos elaborar perguntas sobre o foco, pois uma pergunta do tipo "o que o avião leva?" não faz sentido neste contexto. Essa dificuldade em elaborar perguntas sobre o foco destas últimas clivadas é mais um indício de que as clivadas objeto não são adequadas em contexto de pergunta-resposta, já que não são capazes de veicular foco de nova informação.

(2) a. Quem comprou esta casa?

b. "Foi [<sub>F</sub> meu avô] que comprou." (NURC/RJ – 106)

(3) "São [<sub>F</sub> choques] que o avião leva." (NURC/RJ – 118)

Após mostrar os dados separadamente, comparamos duas sentenças clivadas, uma focalizando sujeito e outra focalizando objeto, e mostramos a assimetria que ocorre em contexto de pergunta-resposta. Mostramos, também, que isso ocorre devido ao fato de o objeto não conseguir alcançar a projeção FocP da periferia de VP, posição típica de foco de nova informação; o que não ocorre com as clivadas focalizando sujeito, já que conseguem alcançar essa posição.

Apresentamos o contexto out-of-the-blue, investigado por Quarezemin (2014), quando as clivadas aparecem em contexto de fala espontânea. Inserimos nesse grupo todas as clivadas sujeito e objeto que veiculam foco de nova informação que não foram inseridas em contexto pergunta-reposta, pois o elemento focalizado, no caso das sentenças em contexto out-of-the-blue, encontra-se presente no contexto discursivo imediato, ou seja, o foco das clivadas, neste caso, também porta um traço de tópico, como podemos observar no exemplo (4).

(4) DOC. - E sempre dá muito peixe assim?

LOC. - Não, tem semana que não. Ainda agora mesmo, no feriado, foi a melhor pescaria que eu já participei, né? Nós tiramos uns nove badejos, tiramos uma garoupa, umas, uma meia dúzia de corvinas e o resto, peixe miúdo, cororoca, bagre, né? Mas isso no feriado. Foi parece quinta-feira, né? Já chegou no sábado, dois dias depois, a pesca... a pescaria foi um verdadeiro fracasso. No entanto, no mesmo local de pescaria, no mesmo pesqueiro, né? (NURC/RJ – 60)

Julgamos esses dados pertinentes porque são pouco explorados na literatura e suscitam muitas dúvidas a respeito desse tipo de construção, afinal, como analisar sentenças desse tipo? Daremos continuidade a investigação desse tipo de construção e, com isso, esperamos responder essa e outras questões em trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

COSTA, João; DUARTE, Inês. **Minimizando a Estrutura**: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL/Colibri, 2001. P. 627-638.

GUESSER, Simone; QUAREZEMIN, Sandra. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. **Revista Linguística** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jun. 2013. ISSN 1808-835X 1.

MENUZZI, Sérgio; TEIXEIRA, Mariana. **Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas**: um estudo descritivo de casos. Trabalho apresentado no X Celsul (ms), 2013.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no Português Brasileiro. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, 56, p. 97-139, 2001.

\_\_\_\_\_. Focalização e Quantificação. **Revista Letras**. Curitiba: Editora UFPR, 61, p. 169-189, 2003. Disponível em: < [http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf\\_revistas/mioto.pdf](http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/mioto.pdf)>. Acesso em: dez. 2013.

\_\_\_\_\_; NEGRÃO, Esmeralda. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A.T. DE; TORRES DE MORAIS, M. A., LOPES, R.E.V.; CYRINO, S.M.L. (Orgs.). **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo, FAPESP; Campinas: Pontes, 2007, p. 159-183.

MODESTO, Marcello. **As construções clivadas no Português do Brasil**: Relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

PINTO, Carlos Felipe da Conceição. Clivadas Básicas e Pseudo-clivadas Extrapostas: uma análise unificada. Anais do CELSUL, 2008.

QUAREZEMIN, Sandra. **Estratégias de Focalização no Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

\_\_\_\_\_. Clivadas e a focalização no Português Brasileiro. In: OLIVEIRA, Roberta Pires de; MIOTO, Carlos (Orgs). **Percursos em Teoria da Gramática**. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 95-113.

\_\_\_\_\_. **Focalização e clivadas**. Conferência no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, 2014.

RESENES, Mariana Santos de. **Sentenças clivadas e pseudo-clivadas do Português Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) – Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sentenças pseudo-clivadas do Português Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ROISENBERG, G.; MENUZZI, S. **Pressuposição, Exaustividade e Denegação nas Clivadas**. Artigo submetido à Revista de Estudos da Linguagem, UFMG, nov. 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Letras. Projeto Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro. **Corpora**. Apresenta os dados do Projeto NURC/RJ. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

**ANEXO A – Trechos das entrevistas do banco de dados online do NURC/RJ das quais foram retiradas as sentenças para mostrar a assimetria sujeito-objeto focalizados**

**Tema: "A cidade e o comércio"**

**Inquérito 0140**

**Locutor 159**

**Sexo feminino, 55 anos de idade, pais não-cariocas**

**Profissão: técnica em educação**

**Zona residencial: Norte**

**Data do registro: 27 de março de 1973**

**Duração: 40 minutos**

“[...]

D - E outros delitos menos violentos?

L - Ah! Eu assisti uma coisa horrível aqui defronte de casa. Nós estávamos assistindo televisão, quando eu ouço um barulho como se fosse um estampido de ... Eu pensei que fosse fogos de são João, estava aquela época mais ou menos. Mas meu marido disse: isso é um tiro de revólver. Ele conhece, que é militar. E nós dois corremos pra janela ao mesmo tempo que ouvíamos uns passos rápidos correndo e uma pessoa gritando. Aí me debrucei na janela, começou logo juntar gente, juntar gente, juntar gente. Esta rua ficou intransitável. E foi um rapaz que foi baleado, baleado por engano. Ele, a pessoa que baleou, pensou que ele, que se tratasse de um maconheiro que mora um pouco adiante daqui. E aliás eu conheço esse rapaz que é maconheiro. Porque ele chamou pelo nome do outro. E ele instintivamente olhou, ele achou parecido, fisicamente ou a silhueta achou parecido. Estava assim já meio escuro, eu desconfio que até essa noite estava meio chuvosa e ele atirou no rapaz. Bom, atirou no rapaz, o rapaz caiu, foi puxado pra portaria do edifício. Ele gemia, ele gritava: pelo amor de Deus! Tenham piedade! Chamem meu pai! Uma coisa horrível, eu fiquei num, num nervoso que você nem pode imaginar. [...]” (NURC/RJ – 140)

**Tema: "Animais e rebanhos"**

**Inquérito 0237**

**Locutor 283**

**Sexo masculino, 69 anos de idade, pais cariocas**

**Profissão: médico**

**Zona residencial: Sul e Norte**

**Data do registro: 14 de agosto de 1974**

**Duração: 40 minutos**

“[...]

D - Era um zoológico ou um leão?

L - Não! Ela ... Eu vou me referir à jaula do leão. Quer dizer, a velhinha que cuidava dos bichos todos. Ela quem lavava, fazia tudo lá, varria, ela tomava conta. Ela era não sei o que desse primeiro. Ela, ela, é, ela vinha a ser contraparente desses fazendeiro também. E ... Que eles casavam lá entre eles. Tudo quase de origem holandesa, né? É, como é o nome da, uma louça tão conhecida. Vocês não conhecem uma louça que é de Santa Catarina, tão famosa aí?

D - Não, não me lembro não.

L - Não é Hering não. Tem um cristal lá nessa zona, Hering, tem aquelas coisas, gaitas Hering. Mas não, é um outro nome. Bom, não vem ao caso. Então a jaula do leão tinha um placar do lado de fora: Cuidado que o bicho é perigoso. Não entre na jaula!

D - (risos)

L - Foi a velhinha que botou isso lá. (risos) Eu achei tão engraçado.

D - Que é mais que tinha nesse zoológico? [...]" (NURC/RJ – 237)

“[...]

L - É, impostos, essas taxas, impostos, e sem falar em imposto sobre a renda. Pagamentos de dívida e de, de contas municipais, estaduais e federais, sem o imposto sobre a renda. (tosse)

Ele, este homem que me atendeu, eh, em primeira mão, era, era um homem de setenta e poucos anos, mas, e a senhora também. Na casa dele, era uma casa tipo alemã, tipo casa européia, né, chalezinho, cheia de coisa, e ela fazendo trabalhos de casa, né? Então, na porta, na saída, tinha um, uma coisinha dizendo assim: você foi muito rec... bem recebido e nós ficaremos mais contentes quando você for embora. Que vergonha!

D - (risos) E quanto tempo o senhor ficou lá? (risos)

L - É, é, quando eu, quando eu vi que tive ... Eles queriam que eu ficasse mais, não, eles queriam que eu ficasse mais. Eu digo: não, mas eu já li quando eu entrei aqui, (risos) eu vou (inint.) que aquilo era uma brincadeira, é claro, né? Mas eu já tinha lido na entrada, eu passei os olhos, então deixei pra oportunidade de dizer, foi nessa ocasião que eu falei: não, vou-me embora por causa daquilo que está escrito lá na ... (risos) [...]"(NURC/RJ – 237)

**Tema: "Dinheiro e finanças"**

**Inquérito 0106**

**Locutor 121**

**Sexo masculino, 35 anos de idade, pais cariocas**

**Profissão: advogado**

**Zona residencial: Norte**

**Data do registro: 27 de setembro de 1972**

**Duração: 40 minutos**

“[...]

D - E como é que foi comprada esta casa?

L - Ah! (sup.)

D - (sup.) Sabe? (sup.)

L - (sup.) Acho que foi meu avô que comprou por ... Foi em mil novecentos e oito, se eu não me engano. Ele (sup.) [...]”(NURC/RJ – 106)

**Tema: "Ensino e igreja"**

**Inquérito 0115**

**Locutor 131**

**Sexo masculino, 37 anos de idade, pais não-cariocas**

**Profissão: arquiteto**

**Zona residencial: Norte**

**Data do registro: 12 de outubro de 1972**

**Duração: 41 minutos**

“

“[...]

L - É, o tempo de faculdade nós funcionávamos no antigo hospício, que era ali na, ali naquele prédio, na reitoria, aonde é hoje a parte parece que de ciências econômicas, um troço assim, agora não sei bem não, não, não voltei lá depois mais que, que eu saí. [...]Mas isso é que marcou mais a minha passagem assim pela faculdade foram essas promoções sociais que a gente fazia que eram realmente sensacionais. Teve essa, teve uma outra que foi "Uma noite", ai, nós iniciamos um ciclo também de "Uma noite". Uma noite no Japão, que foi a embaixada japonesa que fez, aí começou a aparecer depois disso "Uma noite" em tudo quanto é lugar, uma noite no Havaí, uma noite não sei o que por aí. [...]”(NURC/RJ – 115)

**Tema: "Tempo cronológico"**

**Inquérito 0191**

**Locutor 218**

**Sexo feminino, 44 anos de idade, pais não-cariocas**

**Profissão: professora de geografia e história**

**Zona residencial: Norte**

**Data do registro: 23 de novembro de 1973**

**Duração: 45 minutos**

“[...]

L - Só as horas. E até esse relógio, por sinal, por exemplo (inint.) tivesse outro eu não trabalharia com esse, porque eu acho que um relógio pra trabalhar é muito melhor assim um Seiko, uma outra, um relógio mais simples. Mas eu não tenho outro e esse relógio aqui, além de tudo, ele tem um valor estimativo pra mim grande. Foi meu pai que me deu e eu tenho assim um carinho especial por ele também. Mas agora o relógio, quando a gente pode ... Não, quando a gente assim pode abrir mão dele é bom, né? Mas o, o meu azar é que na minha mesa agora de trabalho, você, quando você voltar lá na sala, você dá uma olhada, em frente à minha mesa tem um relógio ali da, acho que é da Esso, né, um relógio bem em frente. Quer dizer que eu nem preciso olhar pro meu, porque é só olhar e eu estou vendo a hora. [...]”(NURC/RJ – 191)

**Tema: "Vestuário"**

**Inquérito 0105**

**Locutor 120**

**Sexo feminino, 30 anos de idade, pais cariocas**

**Profissão: professora de didática**

**Zona residencial: Norte e Suburbana**

**Data do registro: 26 de setembro de 1972**

**Duração: 40 minutos**

“[...]

L - Uma saída da, de praia, que geralmente é uma, uma blusa ou, ou uma ... É, geralmente é uma blusa de malha ou então uma, uma blusa de, de manga ou uma túnica que a gente usa, que já não está dando pra, pra uso mesmo, a gente bota aquilo. Não é aquela roupa que a gente compra em loja nem butique que é usada como saída de praia. É adaptada pra saída de praia ou o que que eu levo mais? Barraca, esteira e óleo, mais nada.

D - Óleo?

L - O óleo de praia é um, é um óleo que, que, é lindo de morrer. É Nujol. É óleo pra intestino, mas que queima à beça e não é óleo comum. Agora estão fazendo anúncio do Nujol pra, pra queimar a praia. Mas nós descobrimos antes dele queimar. Foi um massagista que ensinou pra gente e aí nós passamos e ele queima. [...]”(NURC/RJ – 105)

**Tema: "Dinheiro e finanças"**

**Inquérito 0339**

**Locutor 417****Sexo feminino, 45 anos de idade, pais cariocas****Profissão: professora de música****Zona residencial: Sul e Suburbana****Data do registro: 13 de outubro de 1976****Duração: 45 minutos**

“D - (sup.) E essas casas, de um modo geral, elas tomam precauções, tomam cuidados?”

L - Ah, mas ... É. Não, o que tomou precauções foi o bar da esquina que foi assaltado quatro vezes, então ele agora botou um alarme. [...]”(NURC/RJ – 339)

**Tema: "Meteorologia"****Inquérito 0118****Locutor 135****Sexo masculino, 60 anos de idade, pais cariocas****Profissão: médico****Zona residencial: Norte****Data do registro: 16 de outubro de 1972****Duração: 51 minutos**

“[...]”

D - O senhor, por acaso, já teve assim alguma experiência assim de viagem com tempo (inint.)

L - Já, já. Por diversas vezes já tive experiência de viajar, principalmente de avião e prefiro não viajar de avião se a previsão do tempo não é boa.

D - Como é que foi que ...

L - Ah! São choques que o avião leva, né, naquelas quedas que os, os, os aviões dão ao passar nas zonas de tumulto atmosférico, ao passar naquelas bolsas, que eles chamam bolsas de vácuo, que determinam a, a queda do avião, é muito desagradável pra quem está no avião embora não represente perigo de vida, mas é muito desagradável. [...]”(NURC/RJ – 118)

**Tema: "Transportes e viagens"**  
**Inquérito 0142**  
**Locutor 161**  
**Sexo feminino, 36 anos de idade, pais cariocas**  
**Profissão: psicóloga**  
**Zona residencial: Norte**  
**Data do registro: 30 de março de 1973**  
**Duração: 40 minutos**

“[...]

L - Me chamam de Peninha porque eu muitas vezes, eh, acendo, acendo a boca e não tem cigarro. E um negócio desse, você já pensou, no carro que você tem que ter aquela precisão, você na hora de ir pisar no freio você resolve pisar no acelerador, não engrena direito? O negócio é muito complicado pra ... É bom pra quem tem um bom controle motor, um negócio certinho assim, uma boa capacidade de, de, de atenção. Agora, eh, entrando talvez mais, mais no assunto, viagem maior que eu fiz foi, eh, foi uma vez acho que até, até Goiás, só. Foi um, um treinamento de professores que eu dei, eh, eu, digamos assim, a coisa mais rápida, mais gostosa ainda é um avião, né? [...]”(NURC/RJ – 142)

**Tema: "Vegetais e agricultura"**  
**Inquérito 0352**  
**Locutor 432**  
**Sexo feminino, 58 anos de idade, pais cariocas**  
**Profissão: professora de estudos sociais**  
**Zona residencial: Sul**  
**Data do registro: 07 de dezembro de 1976**  
**Duração: 45 minutos**

“[...]

D - Agora, nessas viagens que a senhora fez, dona B., o que que observou em matéria de planta? Porque já vi que a senhora tem muito gosto por isso (sup.)

L - (sup.) - É (sup.)

D - (sup.) Deve ter observado nos Estados Unidos, lá na Europa (sup.)

L - (sup.) É. Olha e na Europa uma coisa que me impressionou, que eu achei maravilhoso (sup.)

D - (sup.) Tipos de árvores que lá tem aqui não tem (sup.)  
L - (sup.) Em Portugal foi a estufa fria que eles fizeram em Lisboa, eu não sei se conhece. [...]”(NURC/RJ – 352)

**Tema: "Animais e rebanhos"**

**Inquérito 0391**

**Locutor 488**

**Sexo feminino, 62 anos de idade, pais cariocas**

**Profissão: bibliotecária**

**Zona residencial: Sul, Norte e Suburbana**

**Data do registro: 30 de outubro de 1978**

**Duração: 40 minutos**

“[...]

D - Por que a senhora disse que é meio feio falar gorilas?

L - É porque hoje em dia o termo gorila ficou um pouco ligado ao pessoal subversivo que fala dos militares. Então diante do meu respeito pelas classes armadas eu procuro evitar falar nesse, nessa expressão. Que o gorila hoje, mesmo na América Latina (sup.)

D - (sup.) Toma um sentido pejorativo (sup.)

L - (sup.) Eles tomam um sentido assim de pejorativo ou pelo menos de, digamos, de animosidade, digamos assim. Então foi disso que eu falei. [...]”(NURC/RJ – 391)

**DIÁLOGOS ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID):**

**Tema: "Casa"**

**Inquérito 0084**

**Locutor 0098** - Sexo feminino, 30 anos de idade, pais cariocas, professora de sociologia.

Zona residencial: Sul.

**Data do registro:** 18 de outubro de 1972

**Duração:** 43 minutos

“LOC. - Ah! Iluminação direta?

DOC. - Sim. Isso foi você que fez? Já estava no apartamento? [...]”(NURC/RJ – 84)

**Tema: "Dinheiro e finanças"**  
**Inquérito 0227**  
**Locutor 269**  
**Sexo feminino, 38 anos de idade, pais cariocas**  
**Profissão: professora de ciências**  
**Zona residencial: Suburbana**  
**Data do registro: 07 de junho de 1974**  
**Duração: 44 minutos**

“[...]

D - E quando você viajou, você teve que fazer essas coisas ou foi ele que tratou disso tudo?

L - No... nós tratamos juntos. [...]”(NURC/RJ – 227)

**Tema: "Profissões e Ofícios"**  
**Inquérito 0358**  
**Locutor 439**  
**Sexo feminino, 41 anos de idade, pais cariocas**  
**Profissão: professora de orientação educacional**  
**Zona residencial: Norte**  
**Data do registro: 27 de maio de 1977**  
**Duração: 40 minutos**

“[...]

D - A especialidade dele é qual?

L - É. Ele é dos tais que mudou. (riso) Eh, meu marido saiu, ele saiu formado em clínico. [...]Mas pra mim foi, foi assim, eu achei um ato de coragem, porque é muito difícil você já estando estabilizado dentro de uma atividade passar pra outra. E foi nessa época que eu mudei, quer dizer, eu tive coragem de, tendo feito mestrado de educação, que me daria toda a titulação aqui na universidade, né, exigida pela PUC, eu tive coragem de me reconhecer que o que eu quis sempre foi psicologia e, e fazer um outro mestrado de psicologia. [...]”(NURC/RJ – 358)

**DIÁLOGOS ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID):**

**Tema:** "Terreno"

**Inquérito 0061**

**Locutor 0071** - Sexo masculino, 25 anos de idade, pais não-cariocas, analista de sistema (informática). Zona residencial: Norte

**Data do registro:** 16 de junho de 1972

**Duração:** 50 minutos

“[...]

DOC. - (sup.) Como são as estradas?

LOC. - Até Porto Novo do Cunha, até Guaratin... até Guaratinguetá até Guará você pega praticamente Rio-São Paulo o asfalto, de Guará a Porto Novo a estrada boa é a de terra, de Porto Novo a Parati é uma via carroçável, entendeu, dá pra um carro de cada vez, entendeu, quer dizer, é uma parada pra se chegar lá por terra, e outro caminho é por mar. Você pega o trem aqui na, na Central e vai até Mangaratiba, tem que chegar lá no dia certo que é barco um dia sim, um dia não, e são oito horas de barca. Essas, essas tipos da Paquetá, aquelas menorezinhas, aquelas barcas. Mar joga à beça, tem que ter estômago forte e vai parando. Tem, e tem uma, tem uma ... Nós estamos desvirtuando à beça o assunto, tem importância? (sup.)

DOC. - (sup.) Não, não tem importância não.

LOC. - Tem um assunto engraçado. Primeira vez que eu fui, nós fomos de barca, né? Então a barca é cheia, oito horas em pé, detalhe, frio desgraçado, foi em julho que eu fui a primeira vez, e tinha um sujeito lá com mulher e dois filhos, tá? Na verdadeira acepção da palavra, um fodido na vida, tá, tinha nada, nada, nada, nada, nada. [...]"(NURC/RJ – 61)

**Tema:** "Vida social e diversões"

**Inquérito 0293**

**Locutor 353**

**Sexo feminino, 51 anos de idade, pais cariocas**

**Profissão:** geógrafa

**Zona residencial:** Sul e Norte

**Data do registro:** 24 de junho de 1975

**Duração:** 45 minutos

“[...]

D - (sup.) A senhora praticava algum outro esporte além de natação e vôlei?

L - Não, só. Era só isso. Era natação, vôlei, basquete não. Nós sempre ... Era mais vôlei. Basquete eu nunca joguei não. Pingue pongue também nós fazíamos muito, né, porque, eh, nós tínhamos, morávamos em casa e tínhamos aquela mesa, né, de pingue-pongue. Sempre jogávamos muito pingue-pongue. Tínhamos assim uma, uma, um grupo muito grande de moças e rapazes, sabe, que, que é, morando em bairro e em casa, né? Eu só vim morar em apartamento quando eu voltei de Belém, eh, que foi em mil novecentos e sessenta e um que eu comecei a morar em apartamento. Eu sempre morei em casa. Então sempre nós tivemos assim esporte livre mesmo assim ... Tínhamos, tínhamos uma mesa enorme de pingue-pongue e jogávamos muito. [...]”(NURC/RJ – 293)

#### **DIÁLOGOS ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID):**

**Tema:** "Animais e rebanhos"

**Inquérito 0068**

**Locutor 0079** - Sexo masculino, 34 anos de idade, pais não-cariocas, professora de educação física. Zona residencial: Suburbana

**Data do registro:** 30 de junho de 1972

**Duração:** 40 minutos

“[...]

DOC. - (sup.) E nesse sítio do senhor lá em Petrópolis, o senhor tinha animais em casa?

LOC.- Tinha. Já (inint.)

DOC.- Quais?

LOC. - Tinha ... Foi lá que eu comecei a, a admitir canários, pássaros presos. Foi por causa do acidente que eu já citei que meu sogro tinha criado, porque ele sempre gostou de pássaros, inclusive ele teve casa de pássaros, e ele tinha um casal de canários (inint.) e estava querendo vender. [...]”(NURC/RJ – 68)

**Tema:** "Casa"

**Inquérito 0114**

**Locutor 130****Sexo masculino, 50 anos de idade, pais não-cariocas****Profissão: advogado****Zona residencial: Suburbana****Data do registro: 12 de outubro de 1972****Duração: 44 minutos**

“[...]

D - Você sempre morou num tipo de apartamento assim ou já morou em outros lugares?

L - Não, eu morei numa avenida e que era em Bonsucesso. Morei numa avenida que tinha várias casas. Eu morava na parte de cima e um apartamento embaixo muito confortável também aquele apartamento, gostava muito dele, mas não era meu, né?

D - Foi lá que eu fui uma vez.

L - Você esteve lá uma vez, é. Mas eu gostava muito de Bonsucesso, e gosto de Bonsucesso.

[...]"(NURC/RJ – 114)

**Tema: "Cinema, televisão, rádio, teatro, circo"****Inquérito 0259****Locutor 312****Sexo feminino, 61 anos de idade, pais não-cariocas****Profissão: médica****Zona residencial: Sul****Data do registro: 13 de novembro de 1974****Duração: 40 minutos**

“[...]

D - (sup.) A programação como, como era? (sup.)

L - (sup.) Radio City. Era, tinha assim um filme que foi até "Um grito na noite" que nós vimos, agora estou me lembrando, foi na Broadway, tinha um, um filme, "Um grito na noite" e entre uma sessão e outra do filme tinha uma meia hora de `show', muito interessante.

[...]"(NURC/RJ – 259)

**DIÁLOGOS ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR (DID):**

**Tema:** "Vestuário"

**Inquérito 0006**

**Locutor 0009** - Sexo masculino, 47 anos de idade, pais não-cariocas, professor e ator de teatro. Zona residencial: Sul

**Data do registro:** 26 de outubro de 1971

**Duração:** 40 minutos

“[...]

DOC. - E você conhece tipos diferentes de bolsa?

LOC. - Ah, tem a tiracolo e tem aquela que eu estou usando hoje por exemplo, aquilo é uma bolsa que foi até um amigo que me deu, é desses conjuntos de malas, de coisas que vende pra botar material de, de higiene. [...]”(NURC/RJ – 6)